



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VANESSA FERNANDES SANTOS

**PERMANÊNCIA E RESISTÊNCIA:
MÚTIPLAS JORNADAS DE MULHERES-ESTUDANTES DO CURSO
NOTURNO DE PEDAGOGIA DO CFP/UFRB**

Amargosa-Bahia
2023

VANESSA FERNANDES SANTOS

**PERMANÊNCIA E RESISTÊNCIA:
MÚLTIPLAS JORNADAS DE MULHERES-ESTUDANTES DO CURSO
NOTURNO DE PEDAGOGIA DO CFP/UFRB**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariana Martins de Meireles

Amargosa - Bahia
2023

VANESSA FERNANDES SANTOS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Mariana Martins de Meireles

Mariana Martins de Meireles – Orientadora

Doutora em Educação e Contemporaneidade - UNEB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Andréia Barbosa dos Santos

Andréia Barbosa dos Santos – Examinadora 01

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Maria Eurácia B. de Andrade

Maria Eurácia Barreto de Andrade – Examinador 02

Doutora em Educação - Universidad Americana
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Amargosa, 31 de maio de 2023.

*Dedico esse trabalho aos meus familiares, amigos e ao meu
companheiro. Em especial, a minha mãe, mulher forte e guerreira.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me concebido a vida e as oportunidades que pude desfrutar ao longo da minha vida, em especial a minha graduação no ensino superior. A graduação se constitui como uma realização pessoal e profissional, a qual pude experienciar momentos de alegrias e aflições que contribuíram para meu processo formativo.

Gostaria de agradecer aos meus familiares, minha mãe Celina, minha avó Isabel e minhas irmãs Rosângela, Renata e Railane que estiveram comigo, me incentivando para permanecer e seguir na graduação. Passei alguns momentos difíceis, pensei em desistir, mas com o apoio dessas mulheres na minha vida, pude continuar e chegar até aqui.

Agradeço a meu companheiro Edvan que me ajudou e me apoiou o tempo todo.

Gratidão aos meus professores que me incentivaram e acompanharam a minha trajetória, alguns se tornaram mais que professores, e sim amigos que levarei para minha vida.

Meus agradecimentos a minha amiga e orientadora a Prof^a. Dr^a. Mariana Meireles, a qual me acolheu e me deu todo suporte necessário. Algumas vezes, deixei a desejar no processo da escrita do trabalho, mas ela se fez presente e me incentivou.

Gratidão as professoras da banca examinadora Maria Eurácia e Andreia Barbosa, por aceitarem o convite para participar desse momento tão especial na minha vida.

Agradecer aos meus colegas e amigos que contribuíram e que se fizeram presentes desde o início do curso, Vanilde Mota, Rialle Nunes e Adriano Esperança, colegas que se tornaram grandes amigos, os quais levarei para minha vida.

Por fim, gostaria de agradecer aos demais colegas que pude conhecer no decorrer da minha graduação que também contribuíram significativamente na minha trajetória universitária.

SANTOS, Vanessa Fernandes. **Permanência e Resistência: múltiplas jornadas de mulheres-estudantes do curso noturno de Pedagogia do CFP/UFRB**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, 2023, p. 71.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “*Permanência e Resistência: múltiplas jornadas de mulheres-estudantes do curso noturno de Pedagogia do CFP/UFRB*”, buscou analisar os desafios e as possibilidades de mulheres ingressantes do curso noturno de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Formação de Professores CEP/UFRB, levando em consideração aspectos relacionados as condições de permanência, tendo em vista as múltiplas funções que exercem (familiar, profissional e universitária). Desse modo, tem-se como objetivo geral Investigar os desafios encontrados e estratégias utilizadas por mulheres estudantes para a sua permanência no curso noturno de Pedagogia e como objetivos específicos 1) Pesquisar de que modo essas mulheres se organizam para conciliar essas funções e ainda garantirem sua permanência no ensino superior; 2) Identificar quais os mecanismos usados para lidar com as exigências das necessidades familiares, educativas e profissionais; 3) Compreender as percepções dessas mulheres sobre permanência universitária e suas múltiplas jornadas. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando como fontes coleta de informações a entrevista e o questionário. Os resultados dessa pesquisa revelam que não se deve pensar apenas no apoio financeiro para efetivar permanência de mulheres universitárias, ou seja, não se trata somente de garantir as condições materiais, cabe pensar em condições imateriais, tal como o suporte emocional, psicológico, bem como a constituição de redes de apoio e espaços de escuta ativa. Esperamos que este trabalho se junte a outros que lutam por condições de permanência mais dignas para mulheres que adentram as universidades públicas brasileiras, dando continuidade ao histórico de lutas encampadas pelas mulheres ao longo da história. Por fim, foi possível, com esta pesquisa, problematizar questões que envolvem a permanência universitária no contexto contemporâneo, sobretudo, no âmbito do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Chegou-se a conclusão que cabe as universidades que atendem a classe trabalhadora e, de modo mais específico, os cursos que são majoritariamente femininos, o reconhecimento e o acolhimento de forma mais efetiva das realidades vivenciadas por mulheres que, enquanto gerenciam a vida, a maternidade e a profissão, também são estudantes do ensino superior.

Palavras-chave: Mulheres-estudantes; Permanência Universitária; Múltiplas jornadas.

SUMÁRIO

RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO	08
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
I. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	16
1.1 Mulheres e o acesso a educação no Brasil: contextualizando o percurso	16
1.2. Ensino Superior no Brasil e o acesso das mulheres	21
1.3. Do acesso a permanência das mulheres no ensino superior no Brasil	24
II. PERCURSO METODOLÓGICO	28
2.1 Paradigmas científicos	28
2.2 Pesquisa Qualitativa	30
2.3 Instrumentos de produção de informações	32
III. PERMANÊNCIA E MÚTIPLAS JORNADAS: O QUE REVELAM AS ESTUDANTES DO CURSO NOTURNO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO CFP/UFRB?	35
3.1 Análise do google forms	35
3.2 Análise das Entrevistas	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	69

RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO

A minha história não é muito diferente das demais mulheres que conheci no decorrer da minha trajetória acadêmica. Cursar o curso noturno de Licenciatura em Pedagogia não é apenas uma opção, mas sim uma forma de resistir e permanecer, potencializando e buscando possibilidades para uma realização pessoal, social, política e profissional diante dos desafios encontrados para o acesso e a permanência no ensino superior. Para falar sobre permanência e resistência no curso noturno de Pedagogia do Centro de Formação de Professores apresento-lhe um pouco da minha trajetória acadêmica, pois é a partir dela e de outras mais, que surgiu a inquietação para o referido tema de trabalho de conclusão de curso intitulado “Permanência e Resistência: múltiplas jornadas de mulheres-estudantes do curso noturno de Pedagogia do CFP/UFRB”

Nasci no município de Amargosa-Ba, cidade no interior da Bahia, me chamo Vanessa Fernandes Santos e tenho 26 anos. Venho de uma família composta na sua maioria por mulheres fortes e de muita garra, as quais me orgulham muito. Minha mãe e minha avó são os meus exemplos de resistência perante a tantas dificuldades enfrentadas no decorrer da vida. Minha avó, mulher e mãe de 5 filhos (4 mulheres e 1 homem), sempre trabalhou duro para sustentá-los. Oriunda da zona rural do Timbó, não tinha muito recurso para manter seus filhos na escola, mas ambos foram alfabetizados até o 4º ano do ensino fundamental, pois ela queria que seus filhos ao menos aprendessem a ler e escrever para que não se tornassem analfabetos, pois a mesma não era alfabetizada. Naquela época não se tinha muito espaço para os estudos, porque o trabalho se iniciava cedo para manter o sustento da família. Nas lavouras de cacau e café se fazia a educação, desde o plantio até a colheita, enquanto os ensinamentos da escola eram deixados para trás.

Minha mãe cursou até o 4º ano do ensino fundamental, pois naquela época não se tinha muito espaço para os estudos, principalmente quando se tratava das mulheres, as desigualdades de gênero se acentuavam de forma mais persistente do que nos dias de hoje. As mulheres tinham as funções de cuidar da casa, dos filhos, dos maridos e ainda trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Minha mãe, por ser oriunda da zona rural e de uma família de classe trabalhadora, não queria o mesmo destino para suas filhas. Foi após o seu primeiro casamento que a mesma migrou da zona rural para zona urbana em busca de uma vida melhor para suas 4 (quatro) filhas.

Desde muito cedo, fomos incentivadas a estudar e buscar a partir da educação uma boa qualidade de vida, pois mesmo sem muito estudo a minha mãe e minha avó sempre acreditou no poder que a educação tinha e como ela poderia transformar nossas vidas. Com seus ensinamentos, crescemos acreditando no poder de transformação da educação. Minha avó sempre foi o nosso porto seguro, ela foi e é essencial para o nosso crescimento humano, porque mesmo diante das dificuldades ela estava ali conosco, nos incentivando e fazendo acreditar que dias melhores estavam por vir.

Mas como a vida não é fácil. A vida de quem nasce em classe trabalhadora, a vida no mundo do trabalho se inicia cedo. Os afazeres de casa não deixavam de ser configurados como um trabalho. Minha mãe saía para trabalhar em casas de família e eu e minha irmã mais velha tínhamos que auxiliar nos afazeres de casa e tomar conta das nossas 2 (duas) irmãs mais novas. Pude estudar até o 8º ano do ensino fundamental sem interferir nos meus estudos, minha mãe fazia faxinas e recebia o apoio do bolsa família, programa do governo federal que ajuda muito para a sobrevivência de famílias pobres. Minha era aposentada e nos também nos ajudava nas despesas de casa.

Então foi ao ingressar no ensino médio com 15 (quinze) anos de idade, que comecei a trabalhar aos sábados, na feira livre de Amargosa-Ba como vendedora de verduras para ajudar nas despesas. A partir daí que a vida entre trabalho e estudo foi se cruzando na minha trajetória. No ano de 2014, conclui o ensino médio e por não ter muita opção, ingressei no mercado de trabalho, meu primeiro emprego de carteira assinada foi em uma farmácia da cidade. Não tinha muito experiência na área, mas enfrentei o emprego, pois ao sair do ensino médio deixei de ser estudante, para ser desempregada e como as despesas por ser uma moça estavam aumentando, tinha que começar a trabalhar para ajudar de forma significativa nas despesas. Foi uma felicidade muito grande em ter conquistado um emprego e ainda estar com a carteira assinada, uma coisa que muitos na cidade buscam, terminar o ensino médio e conseguir um emprego de carteira assinada e assim viver com um salário mínimo.

Recordo-me que nos primeiros três meses de trabalho estava no período de experiência, acordava as 06:00 horas da manhã para estar no trabalho as 07:00 e retornava para casa às 18:30 e recebia a quantia de R\$ 400,00 (quatrocentos) reais mensais, uma carga horária super desgastante e com pouca remuneração. Mas foi a partir dessas experiências que pude perceber que o trabalho iria me consumir e que eu não iria para lugar algum com apenas o ensino médio, recebendo uma quantia tão pouca em uma carga horária de trabalho desgastante.

Em meio a dificuldades, permaneci no trabalho para que pudesse ajudar nas despesas e não depender da minha mãe e minha vó, que já as mesmas tinham gastos significativos. Então no ano de 2017, quase 3 (três) anos após a conclusão do ensino médio resolvi ingressar no ensino superior. De início a Pedagogia não era uma área de escolha minha, por estar na área de saúde, pensava em fazer alguma faculdade na mesma área, mas por não ter condições, optei em ingressar em uma universidade pública e na minha própria cidade, sem que precisasse me locomover para outra cidade no período noturno, que era apenas o qual eu tinha disponível.

No ano anterior tinha me inscrito no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para conseguir uma vaga na universidade usando a minha nota, então utilizei o sistema do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) para fazer o ingresso no ensino superior. A minha primeira opção foi o curso de Pedagogia e a minha segunda opção o curso de Letras e Libras, cursos que foram ofertadas no mesmo ano na Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB) no turno noturno na minha cidade. Após a inscrição o resultado veio, a aprovação no curso de Pedagogia no turno noturno, o horário que eu tinha disponível para estar no espaço acadêmico.

A partir de então, estava aprovada no curso de Pedagogia, foi uma grande realização para minha e para minha família. Naquele momento o que me importava é que estava fazendo parte de uma universidade federal e estava ingressando no ensino superior. Foi a partir daí que os desafios começaram a se tornar mais presentes na minha vida, pois trabalhava durante o dia e frequentava a universidade no turno da noite, se iniciou um grande desafio, pois o cansaço se fazia presente após um longo dia de trabalho e ainda da assistência nos afazeres de casa.

Nessa fase da minha vida pude conhecer o meu esposo, o qual convivo atualmente, estávamos no processo de namoro e se “ajuntar” como dizem para aquelas que não se casam no civil. Estava passando pelo processo de transição da casa da minha mãe para tomar conta da minha própria casa, onde os afazeres de casa começaram a ser apenas meus. Esses afazeres de casa se enquadram em um trabalho doméstico. O trabalho doméstico por sua vez ainda é uma função invisibilizada perante a sociedade, não sendo qualificado como um trabalho. Então realizava o trabalho formal no comércio e o trabalho não formal em casa, conciliando assim os afazeres comerciais, domésticos e as demandas extras da universidade que por sua vez não paravam.

Vivi muitos momentos desafiadores na minha formação, sentia falta de estar mais presente dentro do espaço acadêmico, de estar acompanhando os projetos, participando

dos projetos de extensão, das formações nos turnos opostos, que só agregam para nossa formação, mas sabia que a minha carga horária não me permitia, então o único contato que tinha com a universidade era no turno da noite para as aulas. Para fazer a realização dos meus estágios tinha que negociar com o patrão para descontar nas minhas férias, pois ele não me liberava para fazê-los, então a opção que eu tinha era sempre de estar negociando minhas férias para poder realizar meus estágios.

Em muitos momentos do curso pensei em desistir, pensava comigo, acho que viver só no comércio já me basta! Mas quando eu chegava na universidade, uma força maior me fazia refletir e pensar que se eu abandonasse o curso eu estaria deixando de garantir um direito meu, que é o direito à educação, direito esse que foi negado e negligenciado a minha família em especial a minha mãe e avó, e que eu poderia fazer diferente, permanecer e resistir às essas dificuldades e garantir ao menos um pouco do direito que foi negado a elas.

Logo no início do semestre fiquei perdida, com medo de não conseguir dar conta dos conteúdos, das demandas dos componentes e acabar me frustra com o curso. Mas sabe quando você se identifica com algo e busca a partir dele sua realização, foi eu com o curso de Pedagogia. A princípio tivemos discussões tão pertinentes e conhecimentos que não pude acessar no ensino médio, discussões que me fizeram refletir sobre meus direitos, e o quanto eles foram negados e negligenciado a minha família e outras mais famílias da camada popular e como isso interfere diretamente no acesso e permanência no ensino superior.

O ingresso e permanência no ensino superior é um grande desafio para os ingressantes de classe popular, pois as oportunidades oferecidas não são as mesmas, sendo que o sistema público de educação ainda se faz excludente. A invisibilização e a falta de oportunidades dos grupos marginalizados é o que dificulta ainda mais o acesso e permanência dentro dos espaços acadêmicos. Quando tratamos da questão de gênero, se torna ainda evidente, ou seja, além de enfrentar as questões de classe, as mulheres enfrentam o preconceito e marxismo que atravessam as nossas vidas.

O cenário que percebi no decorrer do curso foi que muitas mulheres frequentavam o curso noturno de Pedagogia por não ter disponibilidade em outros horários, sendo que muitas delas eram trabalhadoras, assim como eu, e muitas outras eram mãe e vinham de outras localidades para buscar o diploma do ensino superior, garantindo assim uma realização social, política e pessoal. Partindo desse ponto de vista e outros mais dentro no curso, pude perceber que discussões acerca do assunto sobre permanência dessas

estudantes que assumia esses múltiplos papéis de estudante, mães e trabalhadora no curso noturno de Pedagogia eram pouco discutido, sendo que muitas mulheres se enquadravam e se enquadram nesse e se papéis, conciliando a rotina universitária com as demandas da vida.

Diante disso, ao apresentar um pouco da minha história e falar sobre a minha posição como mulher e dos minhas familiares (mãe e avó), faço esse recorte para que possamos entender, que mulheres desde de sempre estão fazendo história e buscam melhores qualidades de vida, mas mesmo assim são invisibilizadas e negadas por uma sociedade patriarcal, a qual coloca a mulher em uma posição de inferiorização, não tendo oportunidade de estar dentro dos espaços acadêmicos, por que as demandas que são lhe impostas, fazem com que mulheres não ingressem ou até mesmo permanência nesses espaços, tendo assim seus direitos negados. Partindo da minha trajetória pude pensar esse tema de trabalho para que possamos evidenciar as condições que mulheres das camadas populares passam para seu acesso e permanência dentro dos espaços acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando falamos de mulher, reparamos que seu espaço dentro da sociedade sempre foi demarcado como um lugar de limitações, seus corpos sempre foram doutrinados a seguir padrões que eram impostos por uma sociedade totalmente patriarcal, a qual a mulher não tinha ao menos o direito de fala para que pudesse expressar a sua voz. As transformações históricas e as lutas dos movimentos sociais influenciaram muito para que as mulheres na atualidade ocupem lugares importantes, desmistificando tabus sociais que permeiam a história das mulheres.

A construção social da mulher ainda se torna um grande desafio nos dias atuais, pois desde os primórdios a desigualdade de gênero se acentua, colocando a mulher em uma posição de submissão ao sexo masculino, trazendo grandes desafios para as mulheres e suas conquistas no decorrer dos anos (COSTA, 2014). Historicamente, as mulheres traçaram caminhos árduos para chegar ao reconhecimento e as mínimas e significativas conquistas que têm hoje, como o direito ao voto, direito de ir e vim, o acesso à educação, ao trabalho, direito à propriedade, direitos sociais e individuais iguais aos homens. Na atualidade a luta pela igualdade se faz cada vez mais presente, pois as mulheres tentam desconstruir estereótipos que foram construídos socialmente.

Em meados dos séculos XIX e XX, com o avanço da ciência e dos movimentos feministas, as mulheres começam a ganhar espaço nas reivindicações por direitos, “em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto.” (MUZART, 2003, p. 226). Os movimentos feministas foram essenciais para a garantia de direitos e do espaço da mulher na sociedade, pois o mesmo visava à participação da mulher para além do seio familiar, garantindo a elas direitos iguais, oportunidades de trabalho iguais aos dos homens, modificando a visão de uma mulher voltada apenas para o âmbito familiar. Os movimentos feministas que visavam a garantia de direitos dessas mulheres passaram por diversos momentos os quais se diferenciavam dependendo do momento histórico e das camadas sociais.

As transformações sociais no decorrer dos anos trouxeram novas visões sobre o papel da mulher na sociedade. A partir do século XIX e XX, com o avanço da ciência e das novas configurações sociais, houve a necessidade de se pensar o papel da mulher, sendo que a sua maioria eram invisibilizadas. Com o processo de industrialização, houve

uma crescente inserção da mulher em todas as esferas sociais, em especial no mundo do trabalho, levando muitas mulheres a cumprir múltiplas jornadas.

Com uma nova posição das mulheres a partir dos movimentos feministas e lutas por direitos iguais na sociedade, essas mulheres começaram a ocupar cada vez os espaços públicos e privados e assim exigindo da mulher não apenas o cumprimento das funções domiciliares, mas também profissionais e educacionais, exigindo da mesma a conciliação de múltiplas jornadas: profissional, domiciliar e educacional.

Nessa perspectiva o presente trabalho de conclusão de curso buscou analisar os desafios e as possibilidades de mulheres ingressantes do curso noturno de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Formação de Professores CEP/UFRB, levando em consideração aspectos relacionados as condições de permanência, tendo em vista as múltiplas funções que exercem (familiar, profissional e universitária). Desse modo, tem-se como objetivo geral Investigar os desafios encontrados e estratégias utilizadas por mulheres estudantes para a sua permanência no curso noturno de Pedagogia e como objetivos específicos 1) Pesquisar de que modo essas mulheres se organizam para conciliar essas funções e ainda garantirem sua permanência no ensino superior; 2) Identificar quais os mecanismos usados para lidar com as exigências das necessidades familiares, educativas e profissionais; 3) Compreender as percepções dessas mulheres sobre permanência universitária e suas múltiplas jornadas.

Esse trabalho se justifica social e academicamente, porque assim como os homens “as mulheres têm o direito de escolher livremente o seu destino e o que querem para suas vidas sem se sentirem culpadas por estar negligenciando uma natureza que foi socialmente construída com o intuito de definir um papel social mais adequado para o seu sexo.” (COSTA, 2014, p. 26). Dessa maneira, é de extrema relevância compreender o papel social das mulheres buscando valorizar seus lugares como protagonistas no mundo e como essas mulheres se organizam e conciliam as demandas da vida profissional, educacional e familiar, não naturalizando essas funções, mas exercitando a crítica sobre as formas de opressão e dominação que acometem o gênero feminino. Assim, repensamos a posição da mulher nos espaços públicos e privados e tecemos críticas sobre a necessidade de possibilitar condições mínimas para que as mesmas acessem com dignidade direitos constitucionais básicos. Do ponto de vista pessoal, essa pesquisa justifica-se pelas relações que a pesquisadora estabelece com o tema em estudo no que tange as condições que mulheres das camadas populares atravessam para garantir o acesso

e a permanência dentro dos espaços acadêmicos, uma vez que também é mulher, trabalhadora e estudante do curso noturno de Pedagogia do CFP/UFRB.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando como fontes de produção de informações a entrevista e o questionário. A pesquisa contou com a participação de 47 estudantes do curso de Pedagogia noturno, através de questionário disponibilizado via *google forms*, além de 02 duas estudantes que participaram através de entrevistas. As informações produzidas foram socializadas e analisadas e encontram-se de modo destacado no capítulo três deste trabalho.

Para um melhor entendimento, este trabalho monográfico, estrutura-se da seguinte forma: Relato (auto)biográfico, onde a pesquisadora apresenta parte da sua trajetória de vida-formação, estabelecendo relações com o tema de estudo. Considerações Iniciais que contempla uma abordagem panorâmica da pesquisa, apresentando justificativa, objetivos e problema de pesquisa. Primeiro capítulo, apresenta uma discussão teórica a respeito do tema em estudo. Segundo capítulo, informa os procedimentos metodológicos adotados, considerando a abordagem de pesquisa, instrumento de produção de informações, campo empírico e sujeitos da pesquisa. Terceiro capítulo, apresenta os resultados obtidos com a análise dos dados. Por fim, consta uma síntese dos resultados, as referências e os anexos.

I. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

1.1 Mulheres e o acesso a educação no Brasil: contextualizando o percurso

Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas, que restringia a mulher apenas ao espaço privado como sendo o único lugar, e sem contestar pois seu espaço estava determinado. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, afirmações do patriarcado que construiu estereótipos ao longo do processo histórico, onde foram sendo reproduzidos como natural, definindo assim o papel social da mulher, como propriedade e produto do homem, devendo obediência ao “seu senhor”. A restrição de outros espaços além da casa/quintal as afastava também da educação formal, lhe sendo negado o acesso à escola.
(OLIVEIRA, 2009, p.1)

Expressões e discursos como esses foram ouvidos, vistos e escritos no decorrer do processo de construção dos espaços das mulheres dentro da sociedade, limitando e determinando seus espaços. Os discursos de limitações acerca da história da mulher se perpetuaram por muitos anos e mesmo com alguns avanços, ainda se tornam presentes na sociedade. Quando nasce uma menina, nasce com ela uma carga de responsabilidade que está enraizada por uma sociedade marcada pelo patriarcado e por crenças religiosas que foram construídos socialmente no processo colonial do Brasil, crenças essas que por muito tempo definiu quais seriam os espaços destinados a meninas e espaços destinados a meninos, criando assim hierarquização e a desigualdade entre os sexos.

A história da educação no Brasil se inicia com a vinda dos portugueses para o país. A educação, por sua vez, ficou sob a responsabilidade dos Jesuítas (1500-1759), os quais tinham o intuito de catequizar os indígenas. A educação no período colonial tinha o objetivo de formar a elite masculina branca, o qual as mulheres não se encaixavam nesses padrões, nem mesmo as mulheres de classe média (TOMAZONI, DOTTA, 2018). Diante disso, se instalava no Brasil um sistema patriarcal influenciado pela Igreja Católica que reiterava a submissão das mulheres aos homens.

Em relação a educação, Tomazoni e Dotta (2018) destacam que:

O foco era voltado para a formação da elite masculina, sendo as mulheres excluídas desse processo, pois estavam destinadas ao casamento, quando muito educavam-se na catequese. No período colonial, as mulheres tinham acesso quase nulo à escolarização, podendo em alguns casos estudar em casa ou em conventos. A partir de 1759 uma série de reformas administrativas e políticas que perduraram até 1822 com a independência do Brasil. Uma das consequências foi expulsão dos Jesuítas das colônias portuguesas, tirando o comando da educação formal da mão dos padres e passando para o Estado. (TOMAZONI, DOTTA, 2018, p. 212)

Com o processo de tomada desse comando da educação das mãos dos Jesuítas, houve a necessidade de se pensar a educação brasileira como uma forma de progresso. Após a independência da Brasil, houve “a necessidade de construir uma imagem do país que afastasse seu caráter marcadamente colonial, atrasado, inculto e primitivo” (LOURO, 2007). Partindo dessa problemática, as reformas pombalinas (1750-1777), concedeu as mulheres o acesso a educação, sendo que esse acesso acontecia nos conventos e também nas escolas regulares de forma separadamente.

Dessa forma, o Estado buscou, a partir da educação, a modernização do país. Nesse novo sistema educacional, as mulheres foram autorizadas a frequentar as salas de aula, mas esse processo não se deu de forma simplista, pois meninos e meninas tinham ensinamentos diferenciados e eram separados por sexo, reforçando o caráter sexista.

De acordo com Louro (2007),

As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO, 2007, p. 371).

Como apresenta Louro (2007), as questões de desigualdade entre os gêneros eram evidentes quando se tratavam dos ensinamentos para meninas e meninos, os quais eram separados por sexos. Vale ressaltar que, além da desigualdade de gênero, se mostrava presente as desigualdades de classe, raça e etnia, as quais determinava os tipos de formações e quem podia ter ou não o acesso à educação, evidenciando assim ainda mais às desigualdades entre os gêneros e entre as classes sociais.

Louro (2007), também enfatiza que:

Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. A essas divisões se acrescentariam ainda as divisões religiosas, que também implicariam diversidades nas proposições educacionais. Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. [...] Algo semelhante se passava com os descendentes indígenas: sua educação estava ligada às práticas de seus próprios grupos de origem e, embora fossem alvo de alguma ação religiosa, sua presença era, contudo, vedada nas escolas públicas. As diferentes etnias dos “trabalhadores livres” também implicavam diferenciadas práticas educativas. [...] No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas (LOURO, 2007, p. 372).

Ao expressar o processo de divisão de classe nos ensinamentos no Brasil, Louro (2007), destaca pontos relevantes sobre esse processo e como ele acontecia de forma diferenciada para os diferentes sexos e diferentes classes sociais, sendo que poucas pessoas eram atravessadas por esse processo de formação. A primeira carta imperial do ano de 1824 afirma no artigo 179 “[...] XIII; A Lei será igual para todos, quer proteja, quer castigue, o recompensará em proporção dos merecimentos de cada um” (BRASIL, 1824). A referida carta apresentava um discurso de igualdade entre os cidadãos, mas esses direitos não eram garantidos e nem contemplados por todos. Outras constituições que surgiram no decorrer do processo civilizatório também asseguravam direitos iguais entre os cidadãos, mas não eram garantidos de forma igualitária.

Diante desse cenário de direitos assegurados e ao mesmo tempo negados, mulheres começaram a criar movimentos feministas por todo mundo, os quais buscavam garantir direitos que lhes foram historicamente negados. No entanto, mulheres começavam a frequentar as escolas regulares, pois “as reivindicações por educação foram uníssonas: as mulheres viam no acesso ao letramento e ao conhecimento o caminho mais direto para a liberação feminina, considerando as opressões que estavam sujeitas. Assim, “a educação e a instrução promoveriam avanços significativos na existência feminina” (ALMEIDA, 2000, p.6).

A inserção profissional das mulheres no campo educacional se deu porque acreditava-se no “dom” feminino de cuidar e educar, além disso os homens estavam abandonando as salas de aula em função do processo acelerado de industrialização. “Esse

movimento daria origem a uma feminização do magistério também observado em outros países fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens ” (LOURO, p.376, 2007). Com esse processo de urbanização e industrialização as mulheres começaram a ingressar no mundo do magistério, compreendendo-o como uma extensão da maternidade (LOURO, 2007).

Nessa direção Louro (2007), reitera:

Foi também dentro desse quadro que se construiu, para a mulher, uma concepção do trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe. [...] Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de “um só turno”, o que permitia que elas atendessem suas “obrigações domésticas” no outro período. Tal característica se constituiria em mais um argumento para justificar o salário reduzido – supostamente, um “salário complementar”. Com certeza não se considerava as situações em que o salário das mulheres era fonte de renda indispensável para a manutenção das despesas domésticas (LOURO, 2007, p. 373).

De certa maneira, o magistério foi uma forma de escape para que mulheres pudessem sair dos espaços privados para os espaços públicos, concedendo um pouco de autonomia para as mulheres. A “profissionalização feminina foi incentivada pelo processo de industrialização, pela abolição do trabalho escravo (em 1888) e pelo surgimento de uma nova forma de mão-de-obra: os assalariados” (RABELO; MARTINS, 2010, p. 6171).

Com a profissionalização feminina, notava-se uma maior inserção das mulheres nos espaços públicos e educacionais.

No início do século XX, permanecia a distinção na formação de homens e mulheres. A mulher ainda não era educada para um desempenho profissional, só era preparada para as atividades domésticas. Porém, aos poucos foi acontecendo a transição da educação doméstica para uma formação profissional, pois surgiu a necessidade de incorporar a mulher ao projeto educacional da nação. O magistério era o caminho possível para a maioria das mulheres brasileiras, principalmente para aquelas das camadas médias da população, pois, até os anos de 1930, era o único trabalho considerado digno para elas, e que podia ser atrelado às tarefas domésticas. A sua instrução deveria ser “aproveitada” pelo marido e pelos filhos, portanto, teria que estar atrelada às atividades do lar. (RABELO; MARTINS, 2010, p. 6172).

No processo de inserção das mulheres no magistério, percebe-se que as mesmas ainda eram controladas por uma figuras masculinas. Em seus moldes, nessa inserção “desqualifica-se e desvaloriza-se a mulher através do discurso da falsa igualdade dos gêneros, limitando suas qualidades profissionais, invocando um papel feminino a um suposto “dom” de um comportamento emocional e moral” (RABELO; MARTINS, p.6168, 2010). Insatisfeitas com essa posição, as mulheres começaram a reivindicar espaços que lhes foram negados durante todo seu processo histórico.

Ao final do século XIX e início do XX, mulheres de todo mundo começaram a reivindicar por espaços públicos, o direito ao voto e a educação. Os movimentos femininas foram de grande importância para a garantia de direitos que foram negados, sendo que o primeiro movimento foi incentivado pela garantia ao voto e a vida pública. As mulheres acreditavam que educa-se “era uma forma de quebrar grilhões domésticos e de sair para o espaço público, adequando-se às normas sociais e às exigências da vida pessoal” (ALMEIDA, 2000, p. 9).

É notório que todo o processo de acesso e conquista pela a educação e pelos espaços públicos não se deu de forma simplista, os movimentos feministas foram essenciais para a garantia dessas conquistas, pois por muitos anos as mulheres foram invisilizadas perante a uma sociedade patriarcal e marcada por uma cultura “cristã”, que acreditava na submissão feminina. Nessa conjuntura, podemos perceber que “as transformações sociais englobam várias dimensões da vida social, o que faz com que as mudanças tão almejadas ocorram de forma gradativa. Trata-se de uma luta pela liberdade, para além da equiparação de direitos e pelo respeito à alteridade” (ALVES ; ALVES, 2013, p. 119).

1.2. Ensino Superior no Brasil e o acesso das mulheres

Como discutido no tópico anterior, durante muitos anos as mulheres enfrentaram diversos desafios para seu acesso à escolarização e isso não se deu diferente no acesso ao ensino superior. As mulheres tiveram esse acesso à educação de forma tardia, o sistema educacional brasileiro se fez de forma excludente sob as mulheres e outros grupos sociais. A desigualdade que foi construída socialmente teve como base a colonização europeia. A

educação implantada no Brasil historicamente priorizou alfabetizar a elite masculina branca, excluindo assim, as demais classes, raças e etnias.

Foi no final século XIX que iniciou a inserção das mulheres no ensino superior de forma significativa, mas houve algumas restrições a esses espaços, limitadas e controladas por uma sociedade patriarcal e com base cristã, pois as instruções a elas deveriam ser voltadas as funções do lar. A “obra educativa da Companhia de Jesus contribuiu significativamente para o fortalecimento da predominância masculina, sendo que os padres jesuítas tinham apego às formas dogmáticas de pensamento e pregavam a autoridade máxima da Igreja e do Estado” (RIBEIRO, 2000, p. 79).

O magistério por sua vez, foi uma criação da Escola Normal, a qual buscava a profissionalização das mulheres, ele inicialmente não dava acesso ao ensino superior, mas foi a partir dele que houve uma crescente inserção das mulheres dentro dos espaços acadêmicos. Com o interesse em uma vida participativa nas esferas sociais, as mulheres no decorrer da história puderam contar com avanços significativos através das manifestações e lutas feministas, as quais evidenciavam que, a partir da educação era possível acessar os direitos que lhes foram negados durante todo processo civilizatório. (SANTOS, 2014). Com o crescente processo de industrialização e com os avanços do capitalismo a sociedade impulsionou a expansão do ensino, pois diante desse crescente cenário, a busca por mão de obra qualificada crescia significativamente.

Nessa conjuntura, as mulheres começaram a adentrar as universidades e outras esferas sociais, conforme destacou Pereira; Nunes (2018):

[...] as mulheres têm se inseridas em novos espaços e ocupando cargos e condições, antes jamais imaginados. Sua significativa presença no ensino superior é a maior ilustração deste fato, sendo possível afirmar que as universidades brasileiras registram a presença histórica de um público majoritariamente feminino (PEREIRA; NUNES, 2018, p. 5).

Nessa direção, Tomazoni e dotta (2018) vão dizer que a instauração de uma nova República no século XX, deu inicio a expansão ao ensino superior, contemplando uma grande parcela da população, dando as mulheres uma maior possibilidade de acesso.

Na década de 1990 políticas públicas como a Bolsa Escola fomentaram o acesso da população à educação básica. No ensino superior, com a criação de programas como o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e PROUNI (Programa Universidade para Todos) e com o aumento das universidades privadas, que ultrapassou em muito o

número de alunos matriculados em relação a universidade pública, favoreceu especialmente as mulheres (TOMAZONI, DOTTA, p. 2018).

As políticas públicas de acesso ao ensino superior favoreceram muito as mulheres, no que diz respeito ao acesso ao ensino superior, atuando nas desigualdades entre os gêneros e classes sociais, pois foi a partir do acesso ao ensino superior que mudanças relevantes estão ocorrendo nas trajetórias de vida-formação-profissão das mulheres, sobretudo, aquelas oriundas das classes populares e marcadas pelo racismo.

Para Araujo *et al.* (2019), os programas que assistem estudantes oriundos de famílias de classe trabalhadora, como o Programa Universidade para Todos - PROUNI e Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES programas de iniciativas privadas e o Ensino Superior Públicas – o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)¹ programa de iniciativa pública, possibilitaram o ingresso de diversos cidadãos ao ensino superior através da nota obtida através do Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM, favorecendo o aumento das mulheres no ensino superior. Todavia, essa maior inserção dentro das universidades, não anula as desigualdades que se acentuam na sociedade brasileira, pois sabemos que o sistema educacional brasileiro ainda se apresenta de forma excludente no que tange, por exemplo, a permanência.

Nesse sentido, Santos (2014) expõe que:

A adoção destas Políticas por parte do Estado visa a diminuição da exclusão social, racial e de gênero, compreendendo questões que têm levado a sociedade a caminhar para um mundo mais democrático e igualitário, diminuindo o índice de violência, de repressão, discriminação e de preconceito sofrido principalmente pelas mulheres no meio universitário. O mercado de trabalho, por sua vez, é um espaço onde a mulher hoje está cada vez mais presente e atuante, principalmente na atuação em cargos que exigem mão-de-obra especializada (SANTOS, 2014, p. 48).

¹“ Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e com previsão de conclusão até 2012. As ações do programa contemplam o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que têm o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país. O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)”. (<http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>).

Por meio das políticas públicas de acesso e com os avanços no meio educacional pode-se perceber que as mulheres eram apresentadas como minoria dentro dos espaços, somente a partir do século XX passam a ser maioria, mostrando-se um percentual maior de mulheres no ensino superior, superando o nível dos homens dentro dos espaços acadêmicos. Segundo dados do IBGE (2019):

Na população com 25 anos ou mais, 19,4% das mulheres e 15,1% dos homens tinham nível superior completo em 2019. A parcela da população com instrução vem avançando, mas as mulheres se mantêm nos últimos anos com maior grau de instrução. Em 2012, eram 14% das mulheres com ensino superior e 10,9% dos homens. A única faixa etária em que há mais homens que mulheres com ensino superior é aquela acima dos 65 anos ou mais, o que mostra as restrições do acesso à educação em décadas passadas (IBGE, 2019).

Trazendo esses dados para nossa atualidade, pode-se perceber a grande porcentagem de mulheres dentro das universidades, mesmo tendo ainda que assumir múltiplas jornadas, as mulheres buscam a qualificação e profissionalização para que possam ao menos sanar uma parcela das desigualdades impostas socialmente. É importante salientar que a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, campo de realização deste estudo, integra o programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O intuito deste programa foi ampliar o acesso, possibilitando a interiorização das universidades federais com vistas a garantir a democratização do Ensino Superior, abrindo assim espaço para o debate sobre a permanência dos seus ingressantes.

1.3. Do acesso a permanência das mulheres no ensino superior no Brasil

A presença das mulheres nos cursos de graduação se tornaram mais evidentes a partir da década 90 no Brasil, quando as primeiras universidades públicas se instalavam no país e a expansão das Instituições de Ensino Superior - IES. No entanto, ao apresentar um crescente ingresso das mulheres e das classes populares no ensino superior, “as tendências e as políticas de educação superior ganham o conceito de inclusão social, levando o governo a repensar o papel da universidade, passando este a desenvolver políticas educacionais que possibilitem um maior acesso da população a essas instituições” (SILVA; FREITAS; LINS, 2013, p. 149).

Diante disso, houve uma maior inserção das mulheres e das camadas populares dentro dos espaços universitários, visando um maior ingresso, qualificação educacional e profissional. Nota-se que houve uma grande parcela da sociedade ingressando no ensino superior, as políticas públicas de acesso ao ensino superior como o PROUNI, FIES, REUNI e Lei das Cotas foram decisivas para o grande aumento do número de estudantes na Educação Superior, garantindo o percentual desse acesso. As universidades públicas federais se enquadram no programa que assistem os alunos, o REUNI, criado em 2007, tem com o “objetivo principal criar condições de ampliação de acesso e permanência ao ensino superior, bem como um melhor aproveitamento da estrutura física e dos recursos humanos das universidades federais” (SILVA; FREITAS; LINS, 2013, p. 149).

Nessa conjuntura, também foi criado em 2008 o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) com o intuito de assistir os estudantes do ensino superior das universidades públicas, auxiliando na garantia do acesso e da permanência, com o intuito de diminuir as desigualdades socialismo (ARAÚJO *et al*, 2019). O programa PNAES tem o objetivo de “viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão.” (BRASIL, 2010)

Visando garantir a permanência dos estudantes o PNAES aponta no artigo 2º que:

Art. 2º São objetivos do PNAES I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. (BRASIL, 2010).

No que diz respeito a esses direitos assegurados, pode se perceber que ainda não são usufruídos em sua totalidade. Citemos aqui a condição das mulheres que é o foco deste trabalho, mulheres essas que trabalham, são mães e estudam ao mesmo tempo, são poucas as políticas efetivas que garantem a permanência dessas mulheres dentro dos espaços acadêmicos. No artigo 3º, inciso §1º da PNAES é possível notarmos as seguintes assistências que devem ser garantidas aos estudantes.

As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: I - moradia estudantil; II alimentação;

III - transporte; IV - atenção à saúde; V - inclusão digital; VI - cultura; VII - esporte; VIII - creche; IX - apoio pedagógico; X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010).

Cabe considerar que, mesmo com os programas de assistência estudantil que garantem o acesso, é necessário um trabalho de vigilância para que se efetive a permanência dos estudantes. Tendo em vista que, o REUNI possibilitou o acesso de estudantes oriundos das camadas populares, cabe portanto problematizar e investir em políticas de permanência qualificada no ensino superior.

No que tange a permanência de mulheres no ensino superior, isso se torna mais complexo, uma vez que mulheres advindas das camadas populares assumem múltiplas jornadas, ampliando a responsabilização das mesmas pela sua permanência.

De acordo com Pereira e Nunes (2018),

É preciso, ainda, delinear o cenário atual que o sistema de ensino superior se encontra. Constituído, predominantemente pelo setor privado e marcado pelo processo de mercantilização das políticas públicas, é um sistema que apresenta grandes problemas em relação à universalização de seu acesso e garantias de permanência dos acadêmicos, uma vez que uma parcela significativa de seus estudantes não possui condições econômicas de permanecerem nas universidades ou conciliar os estudos com o trabalho (PEREIRA; NUNES, 2018, p. 05).

Pereira e Nunes (2018), ainda vão dizer que acesso não é o mesmo que permanência, pois sabemos que estudantes das camadas populares muitas vezes não conseguem manter a sua permanência nesses espaços, fazendo com que tais estudantes não se sintam pertencentes a esses espaços, chegando assim a evadir e não concluir o estudo até o final, em virtude também da impossibilidade de conciliar trabalho, estudo e os gastos financeiros. Diante desse cenário, defende-se a necessidade de políticas mais efetivas e ações afirmativas para que possam garantir a permanência desses estudantes, diminuindo assim as desigualdades que se apresentam entre as classes, raças e gêneros no acesso e na permanência do ensino superior no Brasil.

Ao discutirmos sobre o acesso e permanência, destacamos aqui a importância de falar das mulheres dentro desses espaços, pois sabemos que além da questão de classe e raça, as questões de gênero colocam as mulheres em uma posição de inferioridades na sociedade patriarcal que vivemos. Ainda assim, pode-se perceber que na atualidade as mulheres vem ganhando

visibilidade na sociedade e nos espaços acadêmicos, especificamente em cursos e profissões que estão associados ao cuidado.

Em cursos de graduação, elas são minoria entre os alunos nas áreas ligadas às ciências exatas e maioria entre as funções ligadas a cuidados e educação. As mulheres são mais da metade das matrículas em áreas como bem-estar — que inclui o curso de serviço social (88,3%) —, saúde, excluindo medicina, (77,3%), ciências sociais e comportamentais (70,4%) e educação (65,6%), por exemplo. Por outro lado, representam apenas 13,3% dos alunos de Computação e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e 21,6% dos cursos de engenharia e profissões correlatas. (IBGE, 2019)

Evidenciamos aqui, que mesmo com algumas posições de destaque, as mulheres ainda se encontram em uma posição de desigualdade, pois ao analisarmos os salários e cumprimento de certas funções e carga horária, as mulheres ainda estão em uma posição de inferioridade. Destaco também, que as mulheres que são pertencentes das classes populares que ingressam no ensino superior, assumem múltiplas funções, pois precisam trabalhar para se manter e ajudar nas despesas familiares e buscam qualificação a partir do ingresso nas universidades para uma melhor qualidade de vida.

Dentro da sociedade, os papéis das mulheres foram mudando conforme o desenvolvimento social, Hirata (2015) vai dizer que a conciliação das funções das mulheres sofreu constantes mudanças no decorrer dos anos, a qual apresenta quatro modelos de posições sociais que as mulheres ocupavam e ocupam dentro da sociedade. Esses modelos são:

Modelo tradicional: a mulher não trabalha fora, assumindo cuidados da casa e dos filhos, o homem é o provedor. Essa configuração está sendo hoje ultrapassada pelos domicílios em que ambos os cônjuges trabalham para o sustento da família. Entretanto, ainda é realidade, sobretudo quando o número de filhos torna difícil a “conciliação” entre afazeres domésticos e de cuidados e trabalho profissional. **Modelo da conciliação:** a mulher trabalha fora, mas concilia trabalho profissional e trabalho doméstico; o homem não vê a necessidade de conciliar, pois não existe para ele uma norma social, segundo a qual ele deva realizar o trabalho doméstico e de cuidados concomitante ao trabalho profissional. **Modelo da parceria:** mulheres e homens repartem tarefas domésticas e cuidados da família. Ora, a parceria supõe igualdade de condições: será que existe, hoje, igualdade na posição dos homens e das mulheres na família e na sociedade? **Modelo da delegação:** a mulher delega a outras mulheres o cuidado com a casa, família e crianças. Por exemplo: mulheres executivas e com postos de responsabilidade só

podem trabalhar se outras mulheres, desprovidas de recursos e necessitando trabalhar para sustentar a família, assegurarem essas tarefas. O primeiro grupo de mulheres não pode existir sem o outro. (HIRATA, 2015, p. 5, Grifos nossos).

Nesses quatro modelos Hirata (2015), aponta modelos de mulheres que existiu e ainda existem para que possamos analisar as posições dentro da sociedade. A princípio a autora traz o modelo tradicional que por muito tempo foi assumido. No modelo conciliação, podemos perceber avanços fora dos espaços privados, mas com uma carga de responsabilidade maior, assumindo múltiplas funções. No modelo parceria, são aqueles casos bem poucos, pois ainda então em uma sociedade que se acredita que mulheres nasceram para ser submissas aos homens. E por fim, o modelo delegação, o qual mulheres servem outras mulheres e famílias, deixando suas casas para assumir funções em outras casas, modelos que ainda são vistos e praticados socialmente.

Ao apresentar esses modelos, é possível entender processos vivenciados pelas mulheres na sociedade, aproximando-se das questões que envolvem o tema de estudo deste trabalho que versa sobre as condições de acesso e permanência de mulheres-estudantes vinculadas ao curso de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB.

II. PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Paradigmas científicos

Objetiva-se neste capítulo apresentar os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desse trabalho de pesquisa. Primeiramente pretende-se construir uma análise a respeito das abordagens científicas utilizadas ao longo da história na produção das ciências e as implicações disso no modo de produzir conhecimento.

A história da ciência perpassa por um longo caminho e é caracterizada de várias formas no decorrer da história, desde as ciências baseadas em uma única e absoluta verdade até as ciências que se abriram para as possibilidades de múltiplas verdades. Cada momento histórico representa uma fase em que a ciência tem suas bases fixadas no conhecimento da época. “A ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvida nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais” (SANTOS, 1988, p.48), sendo um modelo totalitário que negava o caráter racional, baseada especificamente nas leis da natureza e em verdades absolutas e imutáveis, denominando-se de Paradigma Dominante.

No que diz respeito ao referido paradigma, negava-se todas e quaisquer forma de conhecimentos que não centrasse suas bases no viés ideológico dos princípios epistemológicos e metodológicos desse paradigma, tendo um caráter determinista, autoritário e conservador (SANTOS, 1988).

Após séculos de vigência o paradigma dominante entrou em crise.

A crise do paradigma dominante é o resultado interativo de uma pluralidade de condições. Distingo entre condições sociais e condições teóricas. [...] a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda. (SANTOS, 1988, p. 54).

A ciência sofreu diversas alterações no decorrer dos anos, apresentando-se de várias formas. Ao questionar os fundamentos que caracterizava o paradigma dominante,

houve uma necessidade de se pensar ciência a partir das experiências sociais e individuais que compreendessem e valorizassem as complexidades existentes em todos os campos de produção de conhecimentos, dando margem ao paradigma emergente.

A partir do século XX, houve a necessidade de se pensar a ciência a partir da pluralidade de epistemológica e metodológica.

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/ cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. Este relativo colapso das distinções dicotômicas repercute-se nas disciplinas científicas que sobre elas se fundaram (SANTOS, 1988, p.61).

As ciências sociais como ressalta o autor sempre será subjetiva e não objetiva, porque ela se aproxima das relações humanas e reelabora os conceitos sobre o modelo de se fazer ciência. A ciência pós-moderna é marcada pelo paradigma emergente no qual busca uma maior aproximação com as relações sociais enriquecendo a relação humanidade-mundo visando buscar as experiências e vivências da sociedade, colocando o sujeito como protagonista da sua própria história, mediado pelos conhecimentos do mundo. Além disso, coloca em pauta de debate as questões sociais, que anteriormente não se permitia discutir e entender no âmbito da produção científica.

Nessa perspectiva, Santos (1988) ainda vai dizer que:

Com esta designação quero significar que a natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente da que ocorreu no século XVI. Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente) (SANTOS, 1988, p. 60).

Diferentemente das ciências naturais, as ciências sociais se diferenciam por se aproximar subjetivamente dos contextos e situações pesquisadas. Nessa perspectiva, Santos (1988), elabora quatro teses que fundamentam o paradigma emergente, a saber: Todo o conhecimento científico-natural é científico-social; Todo o conhecimento é local

e total; Todo o conhecimento é autoconhecimento; Todo o conhecimento científico visa constituir-se num novo senso comum.

A partir das concepções e modelos científicos apresentados, este trabalho de conclusão de curso dialoga com os pressupostos do paradigma emergente e da pesquisa qualitativa, tendo em vista que seu objeto de análise refere-se aos processos de permanência de mulheres no ensino superior e suas múltiplas jornadas, exigindo a realização de uma pesquisa mais humana e compreensível a respeito das experiências vivenciadas pelas colaboradoras desse estudo.

2. 2 Pesquisa Qualitativa

As pesquisas e suas abordagens evoluíram no decorrer dos séculos. Foi com a ruptura do paradigma dominante para o paradigma emergente que as pesquisas assumiram um caráter mais qualitativo.

Para Taquette e Minayo (2016, p. 24), o método qualitativo de pesquisa pode ser “entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais”. Nessa direção, as pesquisas de caráter qualitativo “implica uma partilha densa com a pessoa, fatos e locais que constituem objetos de pesquisas, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221), a fim de construir um vínculo do pesquisador e o pesquisado.

A pesquisa qualitativa passa por marcos que contribuem bastante para o seu processo de reconhecimento, no que diz respeito a esse campo de pesquisa, Chizzotti (2003, p. 223) ressalta que “a evolução desta modalidade de pesquisa, marcada por rupturas mais que por progressão cumulativa, abriga tensões teóricas subjacentes que cada vez mais a distanciam de teorias, práticas e estratégias únicas de pesquisa”. Visando à ruptura da pesquisa de caráter quantitativo, a pesquisa qualitativa surge para dar sentido às ciências sociais e trazer complexidade para campo científico.

Chizzotti (2003), aponta cinco marcos importantes para o reconhecimento da pesquisa qualitativa. O primeiro marco da pesquisa qualitativa ocorreu no final do século XIX, relacionado ao Romantismo e Idealismo, visava a reivindicação de uma metodologia autônoma e compreensiva, levando em conta as fases evolutivas e as condições humanas. Seguindo ao século XX, a referida abordagem de pesquisa começou

a ser impulsionada pelos estudos sociais e culturais, no que tange aos estudos destinados a investigação dos fatos históricos, abrindo “novas perspectivas analíticas para a investigação dos fatos humanos e sociais” (CHIZZOTTI, 2003, p. 225). Na década de 70, após a II Guerra Mundial, ainda se tinha um pensamento positivista em relação às ciências, mas com as explicações sobre o conhecimento empírico dos saberes sociais, objetivou-se a reelaboração dos conceitos de subjetividade, validade e fidelidade, buscando argumentos pós-positivistas para a reelaboração das pesquisas no campo qualitativo, firmando o terceiro marco desse campo.

Após a explanação dos conhecimentos e expansão dos recursos de desenvolvimentos nos anos 1970 a 1980, tem-se o quarto marco da pesquisa qualitativa, na qual se começa a pensar as novas orientações e os novos paradigmas para a qualificação da referida pesquisa, visando a contribuição dos conhecimentos culturais e sociais, dando ênfase a todas as áreas de conhecimentos, visando novos métodos de pesquisa, legitimando novas áreas de pesquisa e diferentes disciplinas.

O quinto marco surge na década de 1990, é caracterizado pelas pesquisas sobre as realidades sociais, criando novos padrões de validade e legitimidade sobre os conhecimentos, no que diz respeito à prática de pesquisas que visavam à construção de conhecimentos a partir das experiências sociais, contrapondo ao modelo quantitativo.

De acordo com Godoy (1995)

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 28).

Assim sendo, pode-se observar que, diferentemente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa não se prender aos números para enumerar ou medir eventos, mas se envolve com aspectos mais compreensíveis da realidade. Godoy (1995) vai dizer também, que essa pesquisa qualitativa se dá a partir do contato direto no campo, pois é a partir desse contato que o pesquisador consegue produzir os dados e se aproximar do fenômeno em estudo. Ainda em diálogo com Minayo (2011) entendemos o campo, na pesquisa qualitativa, como o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte correspondente ao objeto da investigação. Dessa forma, nessa abordagem de

pesquisa enfatiza que a referida pesquisa de caráter qualitativa, através de pesquisa de campo foi com estudantes do sexo feminino, vinculadas ao curso noturno de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB.

2.3 Instrumentos de produção de informações

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando como fontes de produção de informações a entrevista e o questionário. A pesquisa contou com a participação de 46 estudantes do curso de Pedagogia noturno, através de questionário disponibilizado via *google forms*², além de 02 duas estudantes que participaram através de entrevistas semi-estruturadas, conforme roteiro em anexo.

Tendo em vista a viabilidade e o alcance do questionário online, optou-se por este instrumento neste trabalho de pesquisa. A partir de meados da década de 1990, com o uso massivo da Internet, o uso de questionários eletrônicos online tornou-se uma prática comum na realização de pesquisas acadêmicas e de mercado, visando coletar, organizar e processar dados de pesquisa de forma mais rápida e objetiva (CARVALHO *et al.*, 2022). Sobre isso, Faleiros *et al.* (2016), afirma que:

Com o acesso crescente à internet em todo o mundo, as pesquisas com o uso do ambiente virtual mostram-se como uma tendência atual para a coleta de dados, preferida pela maioria dos sujeitos dos estudos. Embora, os grupos etários mais jovens continuem a ter a maior taxa de uso da internet, a adesão de pessoas de faixas etárias mais avançadas a esta ferramenta tem aumentando nos últimos anos. Dessa maneira, a utilização da internet, como recurso auxiliar de troca e disseminação de informações, possibilita a melhoria e a agilidade do processo de pesquisa. Além de permitir ao pesquisador o contato rápido e preciso com os indivíduos participantes do estudo (FALEIROS *et al.*, 2016, p. 2)

Assim, o uso desse instrumento permite além da coleta sistemática de informações a realização de correlação de suas variáveis permitindo maior produção de informações em relação ao tema pesquisado. Constantemente, esses instrumentos são transmitidos por meio eletrônico, sem necessitar do comparecimento do pesquisador.

Verifica-se que atualmente a utilização de questionários online estão se tornando mais constantes, e que futuramente o uso do meio impresso na pesquisa científica pode ser limitado apenas para procedimentos e documentos, sendo toda a norma de coleta substituída pelo método online. Desse modo, a utilização de questionário online, se torna

² <https://forms.gle/yaTAHz873BzZRHQa8>

imprescindível para reduzir gastos e garantir maior confiabilidade e agilidade na coleta. O meio online, portanto, mostra-se como uma nova forma para a coleta de informações, podendo ser utilizado na construção, realização e análise dos questionários da pesquisa.

Assim, optou-se pela técnica do questionário Google Forms utilizados nesta pesquisa pela “possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios” (MOTA, 2019, p. 373), tornando-se uma técnica oportuna praticidade no processo de coleta das informações.

Neste estudo utilizamos de formulários online gerados *Google Forms* elaborado de acordo com um roteiro de perguntas organizado a partir do problema e dos objetivos traçados para esta investigação. O questionário foi destinado a todas estudantes do sexo feminino, devidamente matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da UFRB, considerando o curso diurno e noturno.

Após elaboração dos formulários no *Google Forms*, o link foi disponibilizado aos estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia, através de redes sociais e também por meio de e-mails enviados pela coordenadora do curso, solicitando que apenas estudantes do sexo feminino respondessem. O link foi disponibilizado dia 14 de abril de 2023, com recebimento de respostas até 31 de abril de 2023. Até esta data foram recebidos 46 questionários devidamente preenchidos. Os dados gerados através dos questionário foram organizados e analisados e serão socializados posteriormente.

Além do questionário também foi utilizada a técnica da entrevista semiestruturada, uma vez que, este tipo de entrevista aproxima-se dos esquemas mais livres, menos estruturados, em que não há imposição de uma ordem rígida de questões, tal como optamos neste estudo. De acordo com Duarte (2002),

[...] as entrevistas semi-estruturadas constitui uma opção teórico-metodológica central do vários debates entre pesquisadores das ciências sociais, geralmente maior parte das inquietações refere-se as dificuldades ligados à condução adotada pelo pesquisador em contextos aproximação ou familiaridade com método escolhido e, sobretudo, à leitura, interpretação e análise do material coletado no campo da pesquisa (DUARTE, 2002, p.147).

Freaser e Gondim (2004, p. 140) afirmam que a entrevista na pesquisa qualitativa, “ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de

compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo”. Com base nessas conjecturas, buscamos compreender as concepções e contextos das colaboradoras entrevistadas no que concerne às implicações do fenômeno em estudo. De certa modo, as entrevistas proporcionaram a compreensão da realidade no que tange aos processos relacionados a permanência de mulheres no ensino superior.

Desse modo para um maior detalhamento, as entrevistas foram realizadas em abril de 2023, em dia e horário definido com as colaboradoras. Os sujeitos desta pesquisa, foram duas estudantes do noturno do curso de Licenciatura em Pedagogia, vinculado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

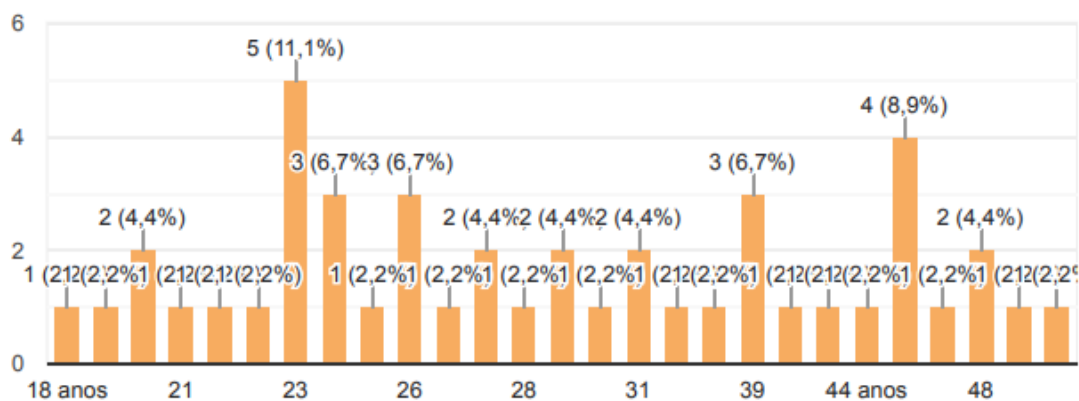
Após realização das entrevistas, estas foram transcritas e categorizadas. A perspectiva de análise inspirou-se na Análise de Conteúdo proposta por (BARDIN, 2004). Buscando avançar na técnica da análise de conteúdo, foi realizada a leitura dos dados e a organização das categorias. A partir de então, buscou-se sistematizar o processo de análise, conforme modelo que encontra-se nos anexos.

III. PERMANÊNCIA E MÚTIPLAS JORNADAS: O QUE REVELAM AS ESTUDANTES DO CURSO NOTURNO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO CFP/UFRB?

3.1 Análise dos questionários

Para compreender de forma mais ampla o contexto em que se encontram as estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, foi desenvolvido um questionário disponibilizadas pelo *Google Forms*, possível de ser acessado através do link <https://forms.gle/yaTAHz873BzZRHQa8>. Como já mencionado na metodologia deste trabalho, o link foi disponibilizado dia 14 de abril de 2023, com recebimento de respostas até 31 de abril de 2023. Até esta data foram recebidos 46 questionários devidamente preenchidos. Os dados gerados através dos questionário foram organizados e analisados.

Gráfico 01: Faixa etária das colaboradoras

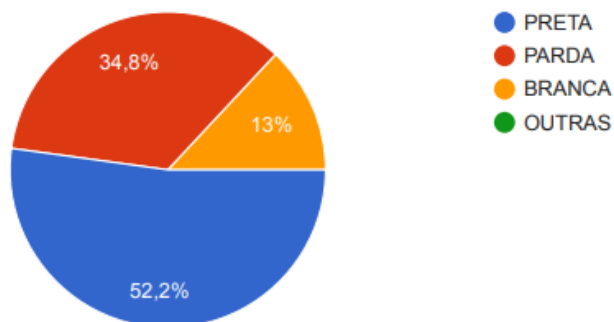


Fonte: Questionário 2023

As primeiras perguntas foram relacionadas as informações pessoais das colaboradoras. Observa-se através do gráfico anterior que a pesquisa contou com a

participação de 46 colaboradas sendo elas com a faixa etária entre 18 a 48 anos, mulheres jovens que compõe o curso de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB.

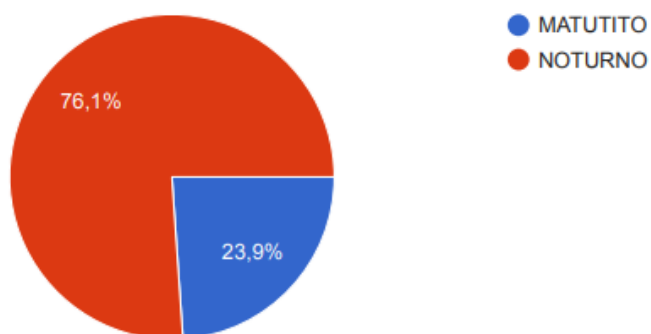
Gráfico 02: Auto declaração



Fonte: Questionário 2023

Nesse gráfico, podemos perceber que mais da metade das colaboradoras que compõe o Centro de Formação de Professores se auto declaram negras 52,2%, pardos 34,8 e brancos 13%. Diante disso, podemos dizer que ao somar pretas e pardas, as colaboradoras desse estudo, em sua maioria, são mulheres negras.

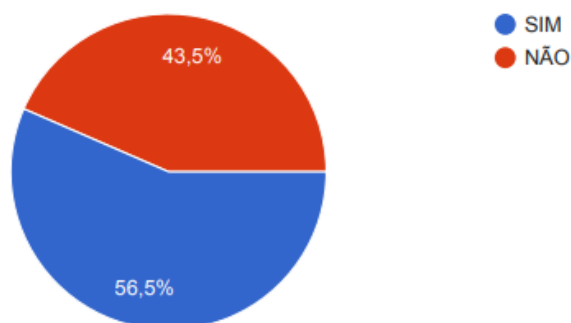
Gráfico 03: Escolha do turno do curso



Fonte: Questionário 2023

Estudantes que estão matriculados no curso noturno aparecem com o percentual de 76,1% mais do que a metade, sendo 23,9% que estão matriculados no curso matutino e desses matriculados, os anos de ingresso aparecem entre 2014 a 2022, sendo que o maior número se apresenta no ano de 2017 com um percentual de 17,4%.

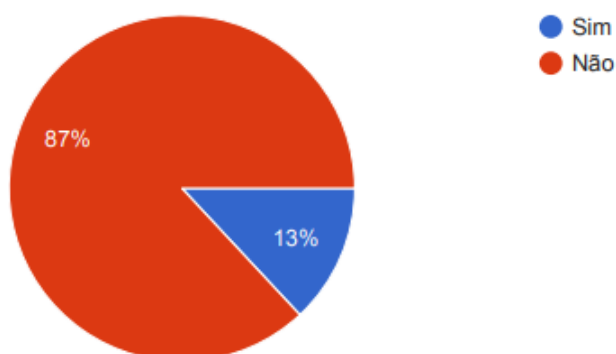
Gráfico 04: Mães



Fonte: Questionário 2023

No que diz respeito as estudantes que se encontram na condição de mãe, o gráfico revela que 56,5% são mães, um número significativo para pensarmos como a maternidade se torna algo que atravessa formação das estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB.

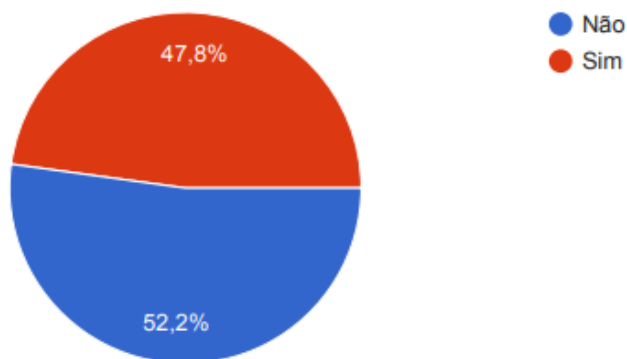
Gráfico 05: Mães solas



Entre as mães 13% são mães solas, situação que compromete ainda mais a permanência no ensino superior. Ressalta-se que o questionário revelou também que, em

números gerais, as estudantes-mães possuem entre 1 a 3 filhos, com a faixa etária entre 0 a 21 anos de idade, revelando assim a complexidade dessa realidade.

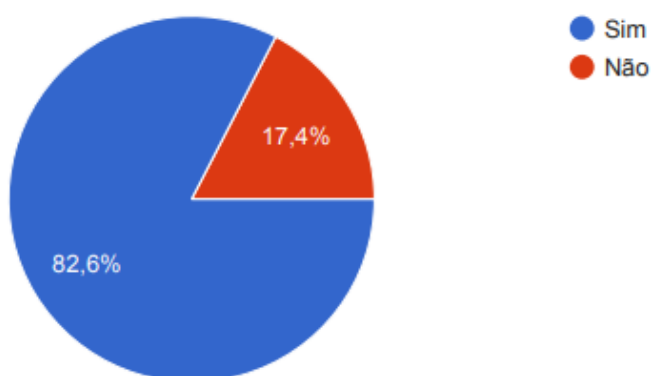
Gráfico 06: Mães que trabalham fora



Fonte: Questionário 2023

Partindo da análise sobre estudantes que trabalham 47,85% informaram que trabalham fora de casa. As mulheres trabalhadoras assumem diferentes funções, a saber: vendedora, auxiliar de classe, lavradora, servente, dentre outras, como revelou as respostas abertas do questionário.

Gráfico 07: Desistência do curso

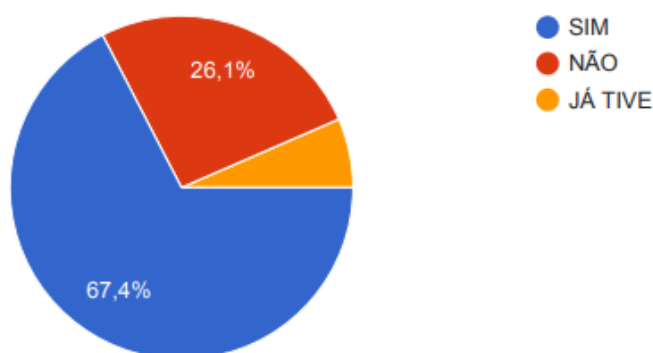


Fonte: Questionário 2023

No que diz respeito a desistência 82,6% já pensaram em desistir e 17,45% não. No que se refere aos motivos de desistência que incidem nos desafios de permanência das

estudantes, algumas questões aparecem de forma mais evidentes, uma das questões que mais aparecem sobre dificuldades estão relacionadas as condições financeiras, outro ponto que aparece com frequência é ser mãe e ter que conciliar com as demandas universitárias. Ademais, mencionam nas perguntas abertas dificuldades em relação aos conteúdos, falta de bolsas e auxílios, além do deslocamento geográficos.

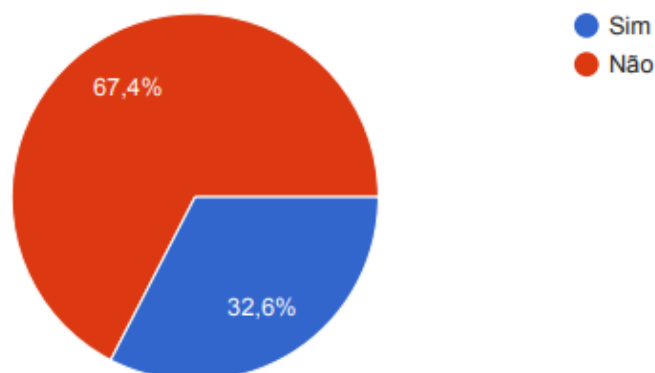
Gráfico 08: Bolsas de assistência estudantil



Fonte: Questionário 2023

Diante do gráfico apresentado podemos perceber que uma grande parcela das colaboradoras recebe bolsa, somando 67,4%, outra parcela informa que não possui bolsa 26,1% e uma parcela menor informa que já teve. Como já discutido neste trabalho, para a garantia dos estudantes das camadas populares na universidade é necessário que haja políticas de assistência estudantil que efetivem e garantam o acesso e também a permanência desses estudantes.

A rede de apoio, também, torna-se relevante para a permanência universitária de mulheres-estudantes que cumprem múltiplas funções. Sobre esta questão as colaboradoras informaram através de questões abertas que a rede de apoio em sua maioria é composta por familiares como mães, irmãs(os), tias(os), amigos e até mesmo vizinhos que oferecem o suporte para que continuem estudando. Outras relatam que não têm apoio algum, implicando diretamente na permanência e na qualidade de sua formação.

Gráfico 09: Participação em projeto de extensão

Fonte: Questionário 2023

O centro de Formação de Professores (CFP/UFRB), apresenta uma gama de projetos de extensão, mas diante desse gráfico podemos perceber que mais da metade das colaboradoras, especificamente, 67,4% não participa de projeto de extensão. Essa realidade pode estar associada a disponibilidade de tempo, as formas de seleção, entre outros fatores que interferem para que essas colaboradoras não façam parte de nenhum projeto de extensão. Algumas colaboradoras nas questões abertas justificam que tem vontade de participar, mas que por cumprem múltiplas funções não conseguem participar de projetos de extensão, conciliar mais essa demanda.

No decorrer desse questionário de pesquisa, as questões abertas e fechadas se ligaram dando ênfase ao tema de estudo desse trabalho de conclusão de curso. Assim, podemos notar quem são essas mulheres estudantes e como políticas de assistência estudantil são essenciais para a garantia da efetiva permanência das colaboradoras na universidade. Para finalizar, o questionário teve a seguinte pergunta aberta: “*quais fatores são determinantes para assegurar a permanência de mulheres na universidade?*”. A seguir, socializamos algumas respostas:

Acredito que muitas mulheres assim como eu tem muita dificuldade de se manter na Universidade, entretanto esse espaço precisa dispor de políticas de permanência mais efetivas como um melhor auxílio creche para as mães, locais onde possam

deixar seus filhos, o respeito dos professores e colegas além do apoio coletivo. (colaboradora 01³)

Assistência social, psicológica e financeira. Ser mulher já acarreta muitas questões que vão além do que nossos olhos podem ver, principalmente levando em consideração mulheres que são mães, que trabalham, que são donas de casa e que por muitas vezes não são assistidas de forma adequada pela universidade. (colaboradora 02)

Creche para os filhos das universitárias; bolsa permanência; transporte público; segurança no campus e no trajeto até ele; grupos de apoio; atendimento psicológico; treinamento para trabalhar a empatia dos professores para com os alunos. (colaboradora 03)

As bolsas contribuem para que o estudante não precise trabalhar e estudar. A universidade ter acolhimento para as mães que tem filhos pois, minha filha ficava na sala, a brinquedoteca nem sempre tinha alguém para receber as crianças. E os professores terem uma sensibilidade maior com essas mães que além de estudantes são mulheres com outras demandas além da Universidade. (colaboradora 04)

É necessário muitas mudanças para assegurar a permanência das mulheres nos espaços escolares, visto que uma vez que o acesso às universidades gera a ascensão social e possibilidade de concorrência por melhores postos de trabalho e, do ponto de vista das relações de gênero, oportuna ocupação de postos de poder/comando que é tradicionalmente controlados por homens. Portanto, é nítido a importância de fazer investimentos em políticas públicas voltadas para a permanência educacional feminina em níveis superiores. (colaboradora 05)

De acordo com as respostas das colaboradoras são diversos os fatores que influenciam na permanência universitária. Destacam a dimensão da maternidade, além de outros suportes necessários para qualificar essa permanência, deixando evidente a necessidade de políticas públicas que garantam de forma efetiva o acesso e, de igual modo, a permanência de mulheres no ensino superior.

Por fim, uma das colaboradoras, apresenta um relato interessante, considerando que o curso de Pedagogia (CFP/UFRB) é majoritariamente preto e feminino.

Sinto que a universidade falha com as mulheres. Lutamos por direitos iguais mais ainda estamos tão longe de alcança-los. A mulher é universitária, funcionária, empresária, dona de casa, esposa, mãe, mãe solo, filha... A mulher ocupa todos os lugares ao mesmo tempo e isso é extremamente cansativo e desgastante. Todas as responsabilidades acabam caindo no nosso colo e é nítido o cansaço dessas mulher, basta

³ Considerando dimensões da ética na pesquisa, no questionário, optou-se por não revelar os nomes das colaboradoras em função da ausência de assinatura de carta de sessão.

entrar em uma sala de pedagogia no noturno que será tão claro que parecerá palpável. Acordamos mais cedo para arrumar a casa, ou mandar os filhos para creche, vamos para o trabalho e depois direto para a universidade. Chegamos em casa e temos que dar conta das atividades, dos seminários, dos slides, dos textos, do almoço, dos pratos, das roupas, das atividades das crianças, das brincadeiras, da atenção, da doença, das febres, a privação de sono, do marido, de ser esposa, de ser mulher... E de você? Não sobra tempo para nós! Estamos sempre cansadas, esgotadas e levadas ao limite. Chegamos na universidade e lidamos com o assédio dos professores, as piadas de "o que você faz de meia noite as 6:00? Ou palavras agressivas que você, depois de fazer tudo isso, é uma mãe ruim porque deixou sua filha no celular para poder ouvir a aula. É desleixada porque tá vestida de qualquer jeito com as unhas por fazer. E depois disso tudo, ansiedade é frescura, crise de pânico é frescura,...mente fraca. Só estamos sobrecarregadas e torcendo para um dia melhor. (Colaboradora 06)

Esse relato nos chama atenção, uma vez que, é altamente elevando os níveis de responsabilizações atribuídos socialmente as mulheres. Por muito tempo a história das mulheres foi invisibilizada e, mesmo diante dos desafios, há uma insistência em buscar por uma vida melhor, por direitos iguais, por políticas de acesso, políticas que garantam a permanência e, conseqüentemente assegurem condições mais dignas de vida.

3.2 Análise das Entrevistas

Perfil/ Significado De Ser Mulher

Meu nome Ana Claudia dos Santos⁴, a minha idade 39 anos, minha raça, cor, eu sempre me identifiquei como negra, como mulher negra, só que na aula agora eu aprendi um novo termo, mulher negra, porém da pele clara, pra mim isso é novo agora, mas a sociedade não vai me ver assim como mulher negra da pele clara, e eu me identifico assim por causa das minhas raízes. Filhos, eu tenho dois filhos. Estado civil eu sou solteira, porém eu sou uma comunhão estável, porque não sou casada no papel, a gente vive em comunhão. (...) Profissão, eu não posso dizer que sou professora porque eu não tenho ainda o certificado, mas hoje eu sou assistente de classe, estou atuando como assistente de classe. Moro aqui na cidade de Amargosa, eu nasci em Ubaíra, nasci e tive toda minha trajetória de vida até eu me casar, eu morei na zona rural de Ubaíra que foi na fazenda Muritiba e atualmente estou morando aqui em Amargosa.(Cláudia, Entrevista, 2023)

⁴ Nesta pesquisa, optou-se por utilizar nomes reais das colaboradoras, conforme autorizado em carta de sessão presente nos anexos deste trabalho.

Meu nome é Eliana dos Santos Costa, eu tenho hoje 37 anos, minha raça, minha origem, é uma origem miscigenada, a família da minha mãe é descendente de italianos, então são pessoas de pele clara, são pessoas de pele clara e olhos claros. E a família do meu pai são negros, pele de cor negra cabelo bem ondulado e o estereótipo facial mesmo do nariz mais bojudo que é esse nariz que eu tenho, é típico dos meus descendentes, então eu sou fruto da miscigenação de branco com negro, minha cor é parda, porque eu fiquei com a cor da pele mais clarinha, tem os olhos claros, meu cabelo é ondulado. Meu estado civil, hoje eu sou casada, minha profissão hoje eu me encontro desempregada, mas uso meus dotes culinários e trabalho de forma autônoma, sou natural de Mutuípe e permaneço residindo em Mutuípe. (Eliana, Entrevista, 2023)

Para iniciar a entrevista foi feito algumas perguntas para que pudéssemos identificar o perfil das entrevistadas. Nas falas iniciais das colaboradoras, podemos notar características importantes para que possamos fazer uma análise dos seus respectivos perfis. Ambas são casadas, vivem em uma relação estável, possuem filhos e ambas são estudantes, mães e trabalhadoras. Cláudia é oriunda da Zona rural de Ubaíra e atualmente mora na cidade de Amargosa e Eliana é oriunda da cidade de Mutuípe. Referente à faixa etária, esta varia de 37 a 39 anos.

A entrevistada Cláudia ao falar sobre raça, a mesma se identifica como “mulher negra, porém de pele clara”, apresentando um discurso de autodeclaração em que se justifica a partir das suas raízes familiares, a mesma ressalta que a sociedade possa ser que não há enxergue como mulher negra pelo seu tom de sua pele clara, mas ela se reconhece como tal, evidenciando a importância do pertencimento racial a partir do processo de miscigenação. Já Eliana, se identifica como parda, sendo ela fruto da miscigenação, diante disso, se reconhece como mulher parda.

Tendo em vista essa pré análise inicial, relacionando as falas de ambas, percebe-se que a cor é algo que se destaca nas suas falas iniciais, as quais ambas relatam sobre a importância de se conhecer e reconhecer pertencentes as suas raízes. A inserção na universidade tem colaborado com esse processo, cada vez mais, aumenta o número de pessoas que se reconhecem como negros e pardos dentro desses espaços. De acordo com Andifes (2018), “a presença de estudantes pretos saltou de 5,9% para 8,7%, e de pardos, de 28,3 para 32,1%, dado que refletia a institucionalização das políticas de ação afirmativas e do REUNI, não obstante o percentual de negros ainda fosse inferior (40,8%) aos 50,7% apurados pelo Censo 2010 do IBGE”. Essas porcentagens refletem a

necessidade de pensar em programas de políticas afirmativas para os estudantes das camadas populares, considerando dimensões de classe, raça e gênero.

No que se refere ainda ao processo de autorreconhecimento, as colaboradoras relatam o significado de ser mulher nesse momento contemporâneo.

Ser mulher nesse momento contemporâneo tem uma palavra que mim identifico muito que é resistência, acho que toda trajetória da mulher vem de muitas lutas e muitas resistências. Então hoje na sociedade machista que a gente vive, numa sociedade que, principalmente pra gente da classe baixa, eu acho que é muita resistência pra gente conseguir algo, algum objetivo na nossa vida, acho que nesse momento que a gente tá vivendo, nesse momento de turbulências, todas as dificuldades que a gente vem enfrentando, em toda nossa trajetória, social, de lutas batalhas, pra uma mulher conseguir ocupar seu lugar na sociedade, eu acho que nós significamos resistência, é um momento de muita resistência nesse momento atual que a gente vive, se a gente não tiver resistência, foco e fé no que a gente realmente quer na nossa vida, a gente não consegue nossos objetivos.(Cláudia, Entrevista, 2023)

Ser mulher nesse momento contemporâneo é viver uma ressignificação do sentido de ser mulher, hoje a mulher ela tem autossuficiência, ela tem autonomia e isso foi uma conquista de muitos anos, muitas mulheres se dedicaram para que hoje tivéssemos essa liberdade que nós temos hoje, o direito ao voto, a liberdade de expressão, a inserção no mercado de trabalho e o direito da mulher hoje dia está onde ela quiser basta ela querer, e ir buscar isso, ir à luta ter coragem, pra estar conquistando seu espaço cada dia mais. Então o significado da mulher contemporânea hoje eu digo que a autossuficiência, e eu me alegro muito de dizer que hoje eu sou auto suficiente, eu tenho a liberdade hoje de falar o que eu penso, poder me expressar, poder participar da política do meu município, de poder estudar, que a mulher antes ela nem direito a ir a escola não tinha, e hoje nós temos essa oportunidade. (Eliana, Entrevista, 2023)

Ao narrar sobre o que é ser mulher nesse momento contemporâneo, as entrevistadas apontam pontos que dão mais ênfase a pesquisa. A entrevistada Cláudia, aponta que ser mulher neste momento contemporâneo é um ato de resistência, destacando que existem muitas demandas que atravessam seus caminhos, mas os objetivos que almejam tendem a ser maior que os obstáculos enfrentados. A entrevistada Eliana nesse tópico apresenta que ser mulher é ser autossuficiente, é buscar cada dia mais ocupar espaços dentro da sociedade, seja eles dentro dos espaços públicos ou privados, tendo coragem para buscar o melhor para si e para os que estão ao seu redor. Ambas destacam que a trajetória das mulheres tem sido de muitas lutas e resistências, cujo os avanços são

significativos nas conquistas direitos das mulheres, evidenciando o quanto é importante resistir e permanecer dentro da universidade para que seus objetivos sejam alcançados e os desafios sejam superados.

A forte presença das mulheres nas universidades brasileiras representam os incontestáveis avanços das lutas enfrentadas em sua trajetória pela busca do direito ao acesso à instrução e ao conhecimento, conseqüentemente, por melhores oportunidades e relações mais igualitárias (PEREIRA; NUNES, 2018, p.12).

Pereira e Nunes (2018), vão dizer que o direito ao acesso ao ensino superior foi uma grande conquista para as mulheres, atuando na redução das desigualdades em nível educacional, sendo fruto de muitas lutas e reivindicações dos movimentos feministas.

Escolha pelo o Curso de Pedagogia Noturno

Foi à oportunidade que eu tive, na verdade de cursar o curso noturno. Porque eu trabalhava no comércio na época e eu não tinha a possibilidade de estudar curso de matutino, diurno, então a chance que eu tinha era essa, escolher o curso. E era um curso que eu sempre sonhei, na verdade a minha vida toda, eu nasci dentro de uma sala de aula praticamente, minha mãe foi professora leiga, então eu tive todo o contexto rural na sala de aula. Fui professora, me formei em magistério. Minha vida em si foi sempre na educação, voltada para educação, me formei. Naquela época quando me formei em magistério a gente não tinha muita possibilidade de entrar na universidade logo, pois era através do vestibular, a prova do vestibular, tinha prova escrita, tinha prova aberta, então eu não tinha condição de sair daqui de Amargosa, meus pais não tinha condição de me manter em outra cidade. Foi daí que eu vim tentando, aí eu fiz o curso de administração pública, que era pela UNEB a distância que era aqui em Amargosa no polo da UAB, aí foi uma forma de dizer assim, eu conseguir um trabalho melhor, e cursar o ensino superior. Quando eu terminei o curso de administração pública, eu ainda trabalhava na prefeitura como professora, naquela época não exigia o curso de Pedagogia. Por mudança de prefeito eu perdi o trabalho, aí fui para o comércio. Nessa mesma época foi quando veio a unidade pra aqui, aí eu tinha aquela vontade de fazer o curso, mas eu estava em outro curso não seguiria. (...) Quando Fiz o Enem passei, aí eu disse agora é minha chance, fui fazer o curso a noite, pela impossibilidade da gente ser mãe, trabalhar no comércio o dia todo, então eu precisava ter um curso. Não. Porque é um curso que eu me identifico, assim a saúde era um curso que eu me identificava muito, eu nunca tive a oportunidade de fazer nenhum curso na área da saúde. E a educação foi uma coisa que sempre me chamou atenção, então assim, por ser um curso que eu admiro, que sempre

pretendia cursar, pra mim não foi, não teve não. (Cláudia, Entrevista, 2023)

O que me faz escolher o curso de pedagogia nesse horário é justamente o fato de poder né, ter horário do dia que eu possa me dedicar mais pra minha família para os afazeres domésticos para poder estar estudando também, porque eu estudo ele não fica apenas a sala de aula, eu preciso de um outro horário pra poder estar estudando pra poder trabalhar também. A autossuficiência que eu falei da questão anterior é a mulher adquirir também com o fruto do seu trabalho, a liberdade financeira da mulher influencia muito nas outras liberdades que ela precisa ter, então a liberdade financeira, e o fato de estudar a noite me permite, me possibilita esta trabalhando durante o dia, em poder cuidar do meu filho também durante o dia, então um dos motivos de estudar a noite é isso. O fato de ser mulher e interferiu na escolha do meu curso na universidade, eu te digo que não, o fato de estar hoje cursando pedagogia, foi por conta da minha nota do Enem mesmo, não era o meu sonho, cursar Pedagogia, foi uma oportunidade de estar fazendo um curso de nível superior, e minha nota do Enem me permitiu estar cursando pedagogia. (Eliana, Entrevista, 2023).

Em meio às múltiplas jornadas, as entrevistadas optaram em cursar o curso noturno de Licenciatura em Pedagogia por opção de tempo livre, sendo que as mesmas exercem outras funções no decorrer do dia, em especial o trabalho. As possibilidades para quem é mulher trabalhadora, estudante e mãe, acaba não sendo fácil para conciliar, optando-se por um curso noturno, a noite que é o momento de descansar, elas estão dentro da universidade como um ato de resistência.

Em sua narrativa, Cláudia relata que o curso de Licenciatura em Pedagogia sempre foi um sonho e ingressar foi uma realização, pois a mesma já tinha lecionado, mas não continuou, pois tinha apenas o magistério. Sendo assim, não foi possível continuar na área, pois para ensinar exigia-se a licenciatura. Já Eliana, diferentemente de Cláudia, aponta que o curso de Licenciatura não era um sonho, motivou sua escolha foi a possibilidade de ingressar no Ensino Superior. A escolha por um curso noturno também se justifica pela possibilidade de conciliar múltiplas funções.

Ao expressar o termo de autossuficiência, a entrevistada Eliana diz que, além da independência financeira, existe uma independência em relação as oportunidades que lhe foram negadas por muito tempo e, hoje como o fruto de uma trajetória histórica, o ingresso no ensino superior tem ampliado as oportunidades para as mulheres.

Quando questionou-se se o fato de ser mulher interferiu na escolha do curso de Pedagogia, as entrevistadas apontaram que não. Cláudia ressalta que sempre se identificou com a área da educação e também da saúde, mediante a sua fala, podemos

perceber que, embora a mesma não reconheça, mas a imagem da mulher aparece como cuidadora em ambas as áreas. Martins *et al.* (2022), afirma que os estereótipos sobre as mulheres são reforçados até os dias atuais. Desse modo, a sociedade ainda naturaliza a condição da mulher como cuidadora, tornando feminino os cursos de educação, enfermagem, serviço social, entre outros que são destinados ao cuidado.

Trajatória na Universidade

Os primeiros momentos na universidade foram os momentos mais marcantes na minha trajetória na universidade, foram assim momentos muito difíceis pra mim. Eu lembro que eu trabalhava no comércio, eu entrava no trabalho às 07:00 da manhã e saía às 19:00 da noite. No início tive que pegar cinco disciplinas porque ao ingressar eram obrigatórias, então eu acabei truncando, desistindo, perdi por falta também. Nesse mesmo período eu não tinha com quem ficasse como meu filho pequeno que na época estava com oito anos de idade e ficava em casa, meu esposo também trabalhava no comércio, então assim, a gente não tinha com quem deixar meu filho. Pra mim foi assim muito difícil, e eu não tive parceria por muitas partes por muitos colegas da universidade, então pra mim, era tudo muito novo, amizade nova. (...) Eu brigava muito com as equipes que eu entrava, porque as meninas não entendiam que eu trabalhava o dia todo, que eu não tinha tempo para fazer a leitura dos textos, tinha a questão da cobrança e a questão das regras. (...) Fiz acompanhamento psicológico, por uma briga que teve na minha equipe, em uma disciplina, a professora me convenceu a apresentar o trabalho sozinha, foi super compreensiva comigo, mas eu desistir, perdi na disciplina. (...) Então assim, trabalhando sozinha, trabalhando no caixa, em um loja grande, sozinha no caixa, entrava às 07:00 da manhã e sai às 19:00 da noite, meu filho ficava sozinho em casa, todo esse transtorno pra poder eu ir pra universidade (...) Como é que eu ia ler e estudar, se eu fazia tudo no caixa sozinha, eu era coordenadora do caixa, eu era caixa, eu corrigia o caixa, eu ajudava as meninas na frente, atendia telefone, então eu fazia tudo no caixa e ainda tinha financeiro ainda da loja, eu não tinha tempo de ler, as colegas não eram compreensivas comigo. Dos professores da universidade eu só tenho gratidão, a muitos professores que passaram na minha trajetória, só uma referida professora que não foi nada compreensiva comigo. Mas muitos professores ali são humanos, se não fosse muitos professores, eu teria desistido, porque assim, são muitos desafios, a gente mãe, precisa trabalhar no comércio, pra descer pra aquela universidade. (...) Hoje nesse momento que estou vivendo hoje, na construção do TCC, hoje eu tenho uma pessoa de referencia na universidade, que me abraçou, que com todos os meus defeitos, minha dificuldades de aprendizado que todos nós temos, mas assim ela foi assim, esta sendo de extrema importância na minha vida. (...) E desafios a gente tem a todo momento, porque se a gente não colocar como meta que a gente precisa superar aquele desafio a gente não consegue alcançar, pra esse processo de aprendizado da gente, a gente precisa passar por esses desafios, a gente precisa se testar como

mulher, como mãe e continuar, porque se não a gente desistir, porque muitas pedras a gente encontra nesse caminho, mas graças a Deus, eu não desistir não. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Tem sido árdua, não vou lhe dizer que tem sido fácil, eu moro um pouco distante da universidade, então eu preciso me deslocar todas as noites pra poder estar indo ao campo da universidade. Eu preciso de transporte, deixo meu filho em casa todas as noites, meu esposo, pra poder estar buscando mais essa conquista, que é fazer um curso de nível superior. (...) Não vou lhe dizer que tem sido em vão, de forma alguma, as disciplinas tem trago muitos conhecimentos, os professores tem nos feito refletir muito sobre essa nossa trajetória, essas aprendizagens ela vem ao longo do tempo. Desafios a cada dia vamos vencendo, e eu te digo que as conquistas vão acontecendo ao decorrer do nosso processo, não te digo algo específico na área da pedagogia ainda, tenho buscado me aprimorar dentro dos conhecimentos adquiridos e te digo que a cada semestre é um desafio na minha vida, porque quando vem uma grade de disciplinas e a gente não pode esta pegando todas pra poder completar toda nossa carga horária, porque não podemos esta ocupando todas as noites porque demanda de tempo pra estudo, e se a gente se afobar, se sobrecarrega a gente acaba não dando conta, então a cada semestre é um desafio, mas vamos ai né rumo a nossas conquistas, pensando sempre que o amanhã será bem melhor. (Eliana, Entrevista, 2023)

Ao expressar os primeiros momentos do curso, Cláudia ressalta que teve dificuldade em se adaptar, pois como cumpria uma carga horária de trabalho exaustiva e a noite ainda tinha que estar presente na universidade fez com que os primeiros semestres fossem frustrantes, uma vez que, a mesma não estava acostumada com aquela rotina e tinha pouco conhecimento sobre o curso. A entrevistada relata que algumas vezes chegou a trancar e desistir de algumas disciplinas pela super carga de trabalho e falta de compreensão dos colegas. Nesse mesmo relato, pontua que chegou a fazer acompanhamento psicológico porque não conseguia acompanhar as demandas ao conciliar trabalho, maternidade e estudo. Aponta que, em alguns momentos, deixou o filho pequeno em casa para estar na universidade. Desse modo, se observa que, os desafios que são enfrentados diariamente pelas mulheres que atravessam a condição de mãe, estudante e trabalhadora tem sido uma realidade que tem comprometido a permanência e a qualidade da formação das mulheres. Diante dos desafios apontados pela entrevistada, a mesma também ressalta a importância de alguns professores que foram e estão sendo essenciais para sua formação e permanência no curso.

Por ser de uma outra cidade e ter que se deslocar a noite para a cidade de Amargosa, Eliana expressa assim como Cláudia que também deixa seu filho em casa para

estar presente na universidade. A mesma também aponta como é desafiador a cada semestre, pois além de enfrentar as demandas do dia a dia, estar em um curso noturno e ainda ter que estar se deslocando para outra cidade se torna ainda mais desafiador. Ambas buscam através da graduação um futuro mais digno, com melhores oportunidades de trabalho. Diante dos relatos, ressaltamos que as dificuldades que atravessam a vida das entrevistadas é muito diferente de outros discentes que estão cursando o mesmo curso sem o acúmulo de diferentes jornadas, porém essas especificidades não são consideradas pelo projeto do curso, cabendo aos estudantes e professores mediar tal situação.

Barbosa e Sampaio (2020), afirmam que a inclusão não é apenas o processo de acesso desses estudantes, tornando-se necessário a existência de políticas de assistência estudantil que garantam a sua permanência. Desse modo, é preciso considerar aspectos “da entrada e da permanência [...], das políticas de assistência estudantil que visam prover as condições materiais de existência, questões relacionadas ao gênero, à raça, preconceitos e discriminações e outras dimensões simbólicas como a afiliação”. (BARBOSA, SAMPAIO, 2020, p. 181).

Desistência/dilemas

Desistir do curso não. Eu já pensei em trancar em alguns momentos, como eu desistir de algumas disciplinas, como eu não fui até o final de algumas disciplinas e não apresentei o trabalho, mas desistir do curso em si não. Porque assim, sempre foi um objetivo meu fazer o curso de Pedagogia, ter o certificado, até pela cidade que a gente mora, as oportunidades de trabalho, pra gente poder ter, trazer o pão de cada dia pra dentro de casa, então pra mim nunca passou pela minha cabeça em desistir, prolongar sim, mas desistir não. A condição de mulher interferiu nisso, não. Em momento nenhum, eu nunca me senti inferior em ser mulher e estar no curso de Pedagogia não. E o que sempre me fez continuar foi meus filhos, primeiro foi meu primeiro filho mais velho e agora meu filho mais novo. Porque assim, era um sonho da minha mãe também, que agora vai estar se concretizando, porque minha mãe foi professora leiga por muito tempo, o sonho dela era cursar uma universidade, e assim por causa de problemas de saúde, muitos problemas que ela teve, ela não conseguiu. (...) Então assim, por minha mãe eu fiz o curso de pedagogia também e continuei, sempre foi a minha área, minha tendência de ser, e um dia eu quero levar esse conhecimento que a gente adquiriu dentro da universidade pra minha vida. Eu pensava em fazer o curso de Pedagogia e parar, mas eu sei que não, tem que ter outros caminhos que a gente precisa percorrer, então eu pretendo ainda, me aprofundar, fazer um mestrado em educação do campo. (...) A gente precisa trabalhar, eu sou filha de classe trabalhadora, sempre trabalhei, sempre ajudei, então assim, tudo que eu tenho é fruto de muito esforço, então nunca me deixei

abater por nenhum obstáculo que encontrasse no meio do caminho, eu sempre busquei caminhos para trilhar e conseguir alcançar meus objetivos, então houve sim muitos contratemplos, mas eu venci, venho vencendo a cada dia e venho continuando. Então assim, pretendo continuar, desistir nunca, pretendo seguir, quem sabe entrar no mestrado, conseguir um cargo melhor. (...) A gente pensar que não, mas somos vitoriosas em estar dentro da universidade, porque não é fácil, enfrentar a universidade todos os dias depois de um dia de trabalho, não é fácil, com casa, com filho, com marido, não é fácil.(Cláudia, Entrevista, 2023)

Já pensei em desistir várias vezes sim, diante do cansaço, dos problemas, os desafios que são constantes, mas quando eu penso que o amanhã pode ser melhor eu volto, eu insisto. E a condição de ser mulher tem interferido nesse meu pensamento de desistência, também, é muita sobrecarga e aí o que me faz continuar é saber que eu vou poder ser uma profissional aperfeiçoada, qualificada, e mais tarde estar conquistando novos espaços. (Eliana, Entrevista, 2023)

Cláudia relata que já pensou em prolongar o curso por conta das suas demandas e das dificuldades enfrentadas, apontando quanto é difícil permanecer. Eliana revela que já pensou várias vezes em desistir por conta das mesmas dificuldades encontradas por Cláudia. Ao questioná-las se o fato de ser mulher interferiu nessa situação, Cláudia aponta que não, mas partindo da análise sobre as desigualdades de gênero podemos dizer que sim, pois se a mesma fosse do sexo masculino, essas questões não seriam tão evidentes, uma vez que, as responsabilidades em conciliar maternidade, trabalho e estudo recaem de forma mais severa para o sexo feminino. Já Eliana reconhece que o fato de ser mulher interferiu sim, pois reconhece que a sobrecarga que é imposta às mulheres ainda se faz presente na nossa sociedade. De certo modo, conforme Martins *et al* (2022, p. 343) [...] “o casamento e a maternidade, atualizam opressões de gênero que se manifestam nos desafios para a conquista da legitimidade acadêmica e científica, e na permanência sob condições equitativas em relação aos homens”.

Nessa direção Martins *et al* (2022) destacam:

Os dados revelam as desigualdades de sexo/gênero que estruturam as relações sociais e fundamentam a divisão sexual do trabalho, determinando e hierarquizando espaços, tarefas, profissões e expectativas distintas em relação aos sujeitos sociais. No caso das mulheres, o espaço da reprodução social e das profissões relativas ao cuidado, “sobretudo, pela difusão da ‘missão sagrada’ das mulheres, no sentido de as responsabilizarem pelo ‘equilíbrio’ familiar e social, das tarefas educativas e caridosas, por meio de seus ‘papéis’ de ‘mães’, ‘esposas’ e ‘donas de casa’” (MARTINS, *et al.*, 2022, p. 346)

As desigualdades de gênero sempre estiveram presente na trajetória das mulheres, mediante a isso, os dilemas e desafios se aprofundam no decorrer do seu processo histórico. No que se refere aos dilemas as colaboradoras relataram:

Os dilemas são muitos que a gente enfrenta, na verdade, porque além de ser mãe, mulher, trabalhadora, a gente é humana, nós somos humanos, e assim muitas das vezes chega em um limite de tanto esforço pra gente faz. ,Pra gente alcançar nossos objetivos, a gente acaba se desgastando, a gente perde a autoestima muita das vezes. Muitas pessoas falam:- A , tá acabada está isso, está aquilo. Mas não é não, é porque às vezes, a gente chega em casa, tem os afazeres de casa, trabalhamos em dose dupla. (...) Muitas vezes eu deixei meu filho em casa, sozinho, preso, pra poder ir pra universidade. (...) E por mais que você faça tudo, a tarefa é dobrada, e as pessoas não entendem e principalmente aquelas pessoas que convivem com você, no seu dia a dia, que é a família não entende, principalmente quando a gente é casada. Às vezes o marido não entende que você precisa sair, você precisa sair pra um evento, você precisa participar, porque às vezes não tem como uma colaboração. (...) Meu marido é super compreensivo, sempre pegou junto comigo, nunca disse assim, não desista. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Muitos. Porque quando eu fico desempregada, eu trabalho por conta própria, e aí uma das habilidades que eu tenho é a produção de biscoitos, eu produzo meus sequilhos (...) Saiu de casa pela manhã e deixo tudo pra trás, pra trabalhar em outras cidades, e aí não tenho hora pra voltar, muita das vezes quando eu chego, no final da tarde em casa, não da tempo nem de vim em casa, do ponto mesmo onde eu desço de uma topic eu já entro na outra que já está me aguardando pra ir pra universidade. Então é um dilema a cada dia, muitas das vezes eu não vejo meu filho durante o dia, eu só vejo a noite quando eu chego em casa, e às vezes ele já está até dormindo, porque eu acabo passando o dia todo fora e de lá mesmo eu vou pra faculdade e quando eu chego a noite as 23:30 da noite ele já está dormindo não aguenta ficar me aguardando. (Eliana, Entrevista, 2023)

As entrevistadas apontam que os dilemas são muitos, porque assim como aponta a entrevistada Cláudia que além de ser mãe, mulher, trabalhadora, estudante elas são humanas, tem sentimentos, precisam de momentos de descanso, pois as demandas que atravessam suas vidas fazem com que essas mulheres se sintam cansadas, desanimadas, atingindo inclusive sua autoestima por conta de estarem sobrecarregadas com tantas demandas. Ambas reconhecem a importância da sua formação para conseguir um cargo

melhor e poder da uma vida melhor para seus filhos. Por pertencerem a classe trabalhadora as entrevistadas destacam a importância dos estudos para uma garantir melhores condições financeiras.

Partindo dos dilemas enfrentados por essas mulheres, pode-se perceber que as entrevistadas ao relatarem seus dilemas revelam o nível de esforços dispensados nas diferentes funções. De acordo com Silva e Nunes (2018, p. 15) “a desproporção do tempo e esforço dedicados à família, sendo desfavoráveis às mulheres, implicam na disposição de tempo e dedicação para sua educação, profissionalização e trabalho”. Esse cenário revela que mesmo ocupando vários espaços que antes eram restritos as mulheres, “a desigualdade ainda persiste sobre as possibilidades de efetiva ascensão do grupo como um todo, principalmente quando se compreende que dentro dessa coletividade ainda há agravantes sob sua condição, como a raça e a classe” (SILVA, NUNES, 2018, p. 51).

Estratégias para conciliar as demandas / rede de apoio

Eu organizo meu tempo, hoje como eu tenho dois filhos, um pequeno de 3 anos e trabalho, então assim, eu organizo meu tempo, aos feriados, aos finais de semana e a noite. Eu trabalho pela manhã, chego em casa a tarde, eu vou fazer minhas coisas de casa, depois eu vou fazer as coisas da universidade, a noite eu vou pra universidade, aí quando eu retorno eu dou uma olhada, anoto o que tenho que fazer, então aos sábados à tarde e os domingos a noite sento pra fazer os trabalhos da universidade. Então eu divido meu tempo, faço uma escala durante a semana, porque se eu não dividir meu tempo, fazer uma escala, do que tenho que fazer, eu não vou conseguir dar conta nem da universidade, nem do trabalho e nem de casa, porque as crianças precisam também da atenção da gente de mãe. Estou fazendo um trabalho, o filho tá do lado, tá chamando :- mãe quero água, mãe quero uma coisa, mãe quero outra. Tem que dar um banho, tem que fazer uma coisa, tem que fazer outra, então assim ele dorme eu tenho que saber que aquele momento que ele dormiu, eu vou sentar e me concentrar pra fazer as atividades da universidade e geralmente eu tiro o que, eu viro os sábados à noite, porque eu tenho domingo pra descansar e a noite do domingo, eu sempre pego de 07:00 da noite às 00:00 á 01:00 da madrugada, então assim, eu faço uma escala no meu tempo que eu tenho de folga pra conciliar as coisas. O meu companheiro, que sempre mim da aquela força, me ajuda nos afazeres de casa, me ajuda tomar conta dos meninos, o meu filho mais velho também ele já me ajuda muito, toma conta do irmão, então assim, ele sabe que isso é um objetivo meu que eu preciso alcançar, então assim, se eu estou fazendo um trabalho da universidade agora e meu filho mais velho esta acordado, então ele olha o mais novo, tanto o pai quanto o meu filho mais velho olha, eles olham, pra eu conciliar. Então assim, eu vivo nessa parceria, é uma parceria que a gente tem dentro de casa, se não fosse eles também eu

não conseguiria da conta de tudo, se eu tivesse um filho e um esposo que não fosse presentes, que não me ajudasse eu não conseguiria, porque assim com dois filhos e a gente fazer uma universidade trabalhando, se não tiver uma pessoa pra lhe dar um suporte não iria conseguir. Porque eu não tenho mãe próximo, não tenho sogra próximo, eu não tenho tia, só tenho meus vizinhos que é um socorro de momentos, questão de 15 minutos, pra eu sair pegar o ônibus, enquanto me esposo não chegou do trabalho, aí eu peço a uma vizinha pra ficar olhando, se meu filho mais velho sair pra algum lugar e eu tiver que sair, aí eu posso pedir a uma vizinha, questão de 10 minutos a 15 minutos, mais que isso não posso e nem todo dia, então assim, o que a gente se vira, somos nós 4 mesmo, é um dando suporte ao outro dentro de casa. (Cláudia, Entrevista, 2023).

Eu vou vivendo um dia de cada vez, vou me organizando dentro das possibilidades, tem dias que dá pra conciliar os três, tem dias que algumas coisas ficam pra trás, mas somos brasileiros e não desistimos nunca, e a gente vai vivendo pela fé, se eu lhe dizer que tenho uma vida perfeita, não tenho, mas eu vou tentando me ajeitar dentro das possibilidades. (Eliana, Entrevista, 2023)

Diante dos relatos de como as entrevistadas se organizam podemos notar que até os momentos que as mesmas tem para descansar elas realizam atividades extras, para que possam colocar tudo no lugar e organizar suas funções. As entrevistadas ainda apontam que o dia acaba não sendo suficiente para cumprir essas funções, tendo assim que cumprir horas complementares na madrugada para conseguir dar conta de todas as suas demandas. No relato de Cláudia, ela enfatiza a importância do seu companheiro e de seus filhos para o cumprimento das funções que é exercida por ela no decorrer do dia, destaca também que não conta com familiares próximos para que possam lhe ajudar, tendo assim que pedir ajuda aos vizinhos, deixando eles com a vizinhança para que a mesma possa estar indo para a universidade.

Silva e Nunes (2018), apontam que um estudo feito pela Universidade de Brasília, revelam as dificuldades que diversas estudantes tem em assumir funções complementares, tendo que conciliar a vida familiar, acadêmica e profissional, realidade que influencia diretamente nas desigualdades de gênero. Nessa mesma perspectiva é importante que haja um compromisso da universidade com essas estudantes para que possa amenizar esses obstáculos enfrentados por elas, criando assim políticas de assistência estudantil que garantam de forma efetiva a permanência universitária.

Diante das estratégias utilizadas para conciliar múltiplas funções, essas mulheres que acessam esses espaços necessitam de uma rede de apoio que possam dar o suporte necessário para que essas estudantes consigam cumprir com as funções profissionais,

educacionais e domésticas. Mediante a isso as entrevistadas destacam a importância desse apoio.

Sim, tem meu filho mais velho, meu esposo que é meu companheiro, pai dos meus filhos, e assim, sem eles eu acho que não conseguiria, quer dizer, eu poderia esta cursando, mas uma outra vida, em outro momento, mas se não fosse eles eu não conseguiria. (...) Eu sou daquela que sempre coloca o outro além de mim, então assim eu tenho que conseguir isso porque eu preciso da uma vida melhor para os meus filhos, eu coloquei eles no mundo e assim, quem tem que criar sou eu, eu não tenho que pedir nada a ninguém pra comprar, nem uma fralda nem um leite, nem nada, então tem que ser eu e o pai que tem que criar. Então assim, a universidade pra mim, mim representa uma forma de conseguir um trabalho melhor, uma estabilidade melhor, alcançar não só o nível superior, mas assim melhores oportunidades de trabalho, então pra mim eles são de fundamental importância na minha vida, se não fosse eles eu não conseguiria de jeito nenhum, estar onde eu estou. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Existe sim, meu esposo, minhas irmãs né, não posso deixar eles pra trás né, minha sogra, então são pessoas que nesse meio tempo que estou aí nessa minha luta, nas estradas na universidade eles são minha rede de apoio né, é quem esquentar uma comida pro meu filho, é quem tira uma roupa da máquina e põe no varal, é se vier uma chuva tira uma roupa que eu deixei no varal e põe pra dentro pra não molhar e é isso. (Eliana, Entrevista, 2023)

Através desses relatos, pode-se perceber que existe uma rede de apoio formada por filhos, esposos, familiares próximos e vizinhos que diretamente colaboram para que Cláudia e Eliana permaneçam no curso. Diante dos relatos, ambas contam com o apoio dos familiares para o cumprimento de suas múltiplas jornadas. Mediante as múltiplas funções que essas mulheres cumprem, a rede de apoio se torna algo de grande relevância, colaborando para amenizar os desafios enfrentados por essas mulheres, auxiliando nas condições de permanência universitária. Tal como destacam, Oliveira *et al* (2019), as redes de apoio são fundamentais para a garantia dos estudantes universitários, geralmente composta por familiares e amigos que, por sua vez, oferecem suporte necessário na vida acadêmica e pessoal.

Acesso assistência estudantil / participação em projeto de pesquisa e/ou extensão

Em uma das questões, perguntamos as colaboradoras: “você acessa ou já acessou alguma política pública de assistência estudantil? Caso sim, narre um pouco sobre a importância de tal auxílio para sua permanência universitária”.

Sim, o transporte. O auxílio transporte pra mim foi assim um ponta pé pra eu sair do comercio, quando eu estava trabalhando no comércio eu peguei 5 disciplinas e entre elas peguei a disciplina de estágio (...) Quando eu fui fazer o estágio, a minha patroa queria negociar as minhas férias que estavam vencidas, eu poderia tirar quando a universidade precisasse, de eventos, para cobrir estágios etc., aí eu fui e questioneei, disse que não, bate o pé firme e disse que não, que eu tinha direito e era direito meu e eu não ia fazer isso. Nessa mesma época, surgiu à inscrição da PROPAAE, aí veio o auxílio transporte, como meu endereço esta da zona rural, aí fiz a inscrição no auxílio transporte. (...) Acabei mim inscrevendo, aí eu falei se eu conseguir a bolsa eu saio do trabalho, pensei comigo se eu conseguisse a bolsa de 250,00 reais, eu consigo pagar minha internet, vou conseguir tirar xerox e vou conseguir comprar meu absorvente e ainda sobrar um troquinho, eu pensei assim nas minhas coisas básicas, não pensei nem em roupa nem nada, isso aí depois a gente corre atrás, então a internet e essas coisas básicas pra mim era fundamental. (...) Um mês depois eu fiz estágio, e nisso eu não tinha feito o estágio ainda, estava negociando com minha patroa, aí eu fiz o estágio, depois que eu fiz o estágio eu adoeci por causa da super carga de trabalho. Eu ia pra loja, entrava às 07:00 da manhã, sai às 13:00 horas da tarde, da loja eu almoçava na loja, ia para o estágio, na creche que eu fiz o estágio da educação infantil, quando era às 17:00 horas quando eu saía, eu voltava pra loja pra ir fechar o caixa e pegar o caixa pra trazer pra casa, pra corrigir o caixa. Eu voltava pra casa às 19:00 horas da noite, tomava banho e voltava pra universidade e muita das vezes eu ia andando pra universidade, chegava da loja que era no centro, vinha pra casa, perdia o ônibus por conta do horário, não dava tempo, porque quando eu chegava em casa tinha que fazer café, fazer as coisas e as vezes meu esposo estava trabalhando de plantão, tinha que fazer as coisas, porque meu filho era menor, e aí eu voltava pra universidade. As 22:30 da noite quando eu retornava da universidade tinha que corrigir o caixa (...) Então assim a bolsa é de fundamental importância, porque se eu tivesse acesso a bolsa logo no inicio do curso, até de um valor maior, acessível que desse pra eu me manter, eu não teria passado o que eu passei no comercio e estudando, e até a minha formação seria outra, formação na universidade, porque eu perdi muito conteúdo, muitos textos eu não lia, não vou mentir, muitos textos eu só lia o resumo e outros eu nem lia, chegava até comprar e não tinha tempo de ler (...) Quando o dinheiro caiu na minha conta eu no mesmo dia subir e pedir demissão (...) Foi quando eu saí do comércio, foi que eu fui enxergar a universidade com outros olhos, porque até então pra mim eu estava perdida, perdida ali dentro, então porque aí eu fui participar de projetos e entre outros projetos. (...) Então assim, se a universidade oferecesse bolsa desde o primeiro semestre para o aluno que entra, seria de extrema importância. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Não. Eu estudo por puro mérito, nunca consegui nenhuma política pública dentro da universidade. (Eliana, Entrevista, 2023)

Nesse relato Cláudia traz elementos importantes para pensar sobre as políticas públicas de acesso e permanência que a universidade vem oferecendo. Ao iniciar seu relato, a mesma aponta o quanto foi importante conseguir o auxílio transporte, pois a mesma vivia em uma vida exaustiva quando conciliava o trabalho no comércio e as outras demandas na sua vida. Ela destaca a importância de políticas públicas para a permanência de mulheres-mães dentro da universidade, evidenciando que se tivesse tido esse acesso antes seria menos doloroso sua jornada dentro da universidade. Eliana aponta que estuda por puro mérito, sem acesso a nenhum auxílio. Segundo ela já está no final do curso e não acessou nenhum tipo de política pública de permanência.

Diante da resposta de Cláudia, fizemos a seguinte pergunta: “Você acha que a universidade oferece recursos necessários para dar mais visibilidade às bolsas estudantis?” e para complementar a sua resposta e a mesma respondeu:

A pessoa precisa da bolsa pra sair do trabalho, e as pessoas lhe diz que você não precisa da bolsa não porque você trabalha, não sabendo que precisamos da bolsa pra sair do trabalho se filtrar dentro da universidade, participar dos projetos, eu não tive oportunidade de participar do PIBID, de nenhum projeto da universidade, porque eu não tinha bolsa, como eu ia participar desses projetos se era turno diurno se eu não recebia pra aquilo. A universidade não sabe das nossas demandas e não quer ouvir. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Neste relato, Claudia desabafa sobre a complexidade que envolve a participação de estudantes trabalhadores em projetos de extensão. Ou seja, ao mesmo tempo que o estudante trabalhador não pode participar de tais projetos e ter acesso ao auxílio, ele precisaria ter acesso para poder deixar o trabalho e se dedicar mais a vida universitária.

De acordo com Pereira, Nunes (2018) a política de assistência estudantil

foi construída em uma arena de muitas lutas e interesses políticos, mas conseguiu amenizar as desigualdades existentes no que se refere ao acesso e permanência ao ensino superior dos estudantes pertencentes às camadas economicamente baixas da sociedade, dentre as principais conquistas o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) ganhou destaque por ofertar ações de moradia, alimentação, transporte, creche, ações de promoção da saúde física e mental dos acadêmicos. A

busca é pela ampliação do acesso às universidades públicas e gratuitas, que garantam os investimentos necessários e que recusem o processo de mercantilização do ensino superior. (PEREIRA; NUNES, 2018, p. 13).

No que diz respeito as políticas de assistência os estudantes reclamam do excesso de burocracia para acesso. Além disso, tal como destacou Claudia essas políticas de permanência são pouco divulgada, ou até mesmo quando os estudantes vão saber já passou o período de inscrição, dificultando ainda esse processo.

Sobre a participação em projetos de extensão, as colaboradoras relataram:

Não. Não participei, não tive oportunidade porque eu trabalhar no comércio, então assim, ou eu trabalhava ou eu participava do projeto, e ainda tem aquela questão, que nem todo mundo que participa do projeto ganha bolsa, então se você vai se inscrever tem toda uma democracia pra participar desses projetos, por mais que você tenha vontade de participar tem todo um currículo (...) Eu sempre tive vontade, mas eu não participei de nenhum projeto da universidade, tanto que eu digo assim tem horas, eu entrei na universidade desde 2017, pretendo formar agora, e não conheço a universidade porque não participei dos projetos, tinha vontade de participar do PIBID. E outro ponto, a forma de divulgação desses programas, eu não sabia, eu não acompanhava a rede social, e não via divulgações, e quando tinha divulgação, era só pelo site, e quando algumas pessoas da turma sabiam, mas poucas passavam as informações, então eu não participei de nenhum projeto da universidade. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Nenhum. Porque projeto de extensão muita das vezes você precisa começar como voluntariado, demanda de uma carga horária, que você precisa se disponibilizar, nem sempre tem o auxílio de uma bolsa, então eu nunca tentei, vou lhe ser muito sincera, eu nunca tentei participar de nenhum projeto de extensão, até por conta da locomoção e das demandas do trabalho. (Eliana, Entrevista, 2023)

Cláudia e Eliana alegam que nunca participaram de nenhum projeto de extensão, ambas relatam que tinham vontade de participar, mas por conta das demandas do trabalho e locomoção, no caso de Eliana, não participaram de nenhum projeto durante o período da graduação. Cláudia ressalta que além do tempo que não tinha disponível, esses projetos eram pouco divulgados e os colegas que tinham acesso não repassavam com clareza e em tempo hábil essas informações. Esses relatos demonstram como as múltiplas jornadas enfrentadas por mulheres, estudantes, mães e trabalhadoras comprometem a vida universitária e, em alguma medida seu processo formativo.

Condições de permanência oferecidas pela universidade/ fatores determinantes para assegurar a permanência

Partindo das análises a respeito de políticas públicas que são oferecidas pela universidade, foi feita a seguinte pergunta para ambas entrevistadas “*Durante a graduação quais foram as condições de permanência que a universidade lhe proporcionou?*”

Nenhuma. Só o auxílio transporte mesmo, que eu conseguir, porque quando eu sair do comercio eu fiquei com a bolsa, eu sair porque ganhei essa bolsa, foi um pontapé inicial, e logo em seguida quando eu consegui a bolsa que pedir pra sair do trabalhador, e também fiquei com meu seguro desemprego. (...) Ai eu fui procurei emprego, coloquei meu currículo na prefeitura, conversei com a gente comunitária, conversei com algumas pessoas e aí eu conseguir, aí teve uma seleção do IEL e eu fui chamada, mas não foi a universidade que me encaminhou, se eu não fosse com meus pés correr atrás eu não tinha conseguido (...) Mas assim, a universidade em momento nenhum se posicionou, tanto assim que na pandemia, o primeiro ano eu não fiz disciplina nenhuma por eu não ter o acesso ao computador, minha internet cortada porque não tinha dinheiro pra pagar todo mês (...) eu fui e me inscrevi pra ganhar o notebook, porque meu esposo tinha um salário mínimo eu não fui contemplada, eu não conseguir por conta disso. Fui na medica que me acompanhava do pós parto, pois eu sentia muita dor de cabeça, e ela falou pra mim, olha Claudia para! Ai aquilo começou me criar uma angústia, aí ela falou, ou sua saúde ou a universidade, para! Porque um momento você vai terminar, então para, tranque a universidade, não pegue disciplina nenhuma. Quando foi no segundo ano de pandemia que eu comecei a pegar as disciplinas, peguei duas disciplinas, pensei, eu não posso ficar parada, no semestre seguinte peguei 3 (três) e ai por isso que atrasou toda minha vida. A universidade nunca me ligou, nunca fez nada pra perguntar, pra saber por que o aluno não estava frequentando, a universidade não se preocupa com o aluno, pra saber por que o aluno desistiu, a universidade não quer saber dos seus problemas, então eu estou no final do curso e digo que a universidade me proporcionou alguma estabilidade, não, nenhuma. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Nenhuma. E muita das vezes me proporcionou até a vontade de desistência, porque eu acredito que falta diálogo e esclarecimento dentro da universidade, tudo é publicado, não vou lhe dizer que não é, é publicado nos editais mas nem sempre a gente tem tempo pra tá lendo tudo. Então assim, a universidade ela não tem uma rede de apoio pra esta trazendo essas informações para o estudantes. Se o discente quer alguma coisa ele precisa ir até os setores de onde ele tem interesse, porque a universidade não vai até os discentes, então eu acho que a universidade ela peca muito de não trazer para o estudantes o que é que a universidade está ofertando a ele para que ele permaneça no espaço, e principalmente quando é mãe, que tem o tempo mais corrido,

precisa na verdade de um apoio maior e eu não vejo isso na universidade. (Eliana, Entrevista, 2023)

Nestes relatos, Cláudia e Eliana apontam que a universidade não ofereceu, nem oferece suporte para a garantia da sua permanência. Eliana chega a relatar que muitas vezes pensou em desistir, destacando que a universidade não oferece uma rede de apoio para que essas mulheres possam se manter dentro da universidade. Ambas estão cursando os últimos semestre do curso e relatam que não conhecem a universidade como deveriam conhecer, não tem tempo de estar acompanhando de forma significativa os eventos, os projetos e os programas, reduzindo a presença na universidade apenas no período noturno das aulas.

Por fim, perguntamos as colaboradoras: *“de acordo a sua vivência, quais os fatores são determinantes para assegurar a permanência de mulheres, mães e trabalhadoras na Universidade”*

O desejo de superar os desafios e superar na vida, fazer a diferença, porque se a gente não tem um objetivo dentro da gente, a gente não consegue, e assim, todo mundo entra que ali, principalmente quando a gente é mãe, depois de quando estamos casados. (...) Quando a gente é mãe, a gente é na marra mesmo, a gente na marra podemos, podendo superar a nós mesmos, vou entrar, vou conseguir, porque a gente vai estar competindo, a gente tá com a cabeça cheia de problemas, cheia de coisas e está ali competindo com meninos que esta com a cabeça fresca, vem do ensino médio, a gente já tá com uma certa idade, filho adoce, você tá ali assistindo a aula tá pensando na temperatura que o filho tá em casa, está pensando na fruta que vai comprar no outro dia. (...) Mas assim, pra gente que é mãe é superação mesmo, é superar o nosso limite, porque a gente sai de casa deixa nossos filhos chorando, pra gente estudar, trabalhar, deixar com os outros, pegar meia noite na casa de um vizinho, na casa da sogra ou na casa de alguém. Teve uma época que eu trabalhava no comércio que eu não via meu filho mais velho, porque quando eu comecei a universidade ele estava com 8 anos, então eu como eu saí mais cedo e vinha pra casa, ele saía junto comigo, quando eu chegava em casa ele estava dormindo, teve uma época que eu via meu filho mais velho só pela manhã, quando eu acordava ele pra ir pra escola, porque ele não ficava em casa sozinho, da escola mesmo ele ia pra casa da minha sogra, aí o pai pegava a noite na casa dela, quando o pai pegava eu estava na universidade, aí o pai pegava e trazia pra casa pra ele não ficar só até ele se acostumar a ficar sozinho dentro de casa, então meio dia eu vinha pra casa, mas ele não estava, porque da escola mesmo o carro pegava ele e levava pra casa da minha sogra, então quando eu chegava em casa as 22:30 ele já estava dormindo, então eu beijava, via que estava bem e eu só ia ver ele pela manhã. (...) Então assim, são dores que a gente carrega

com a gente, que a gente sabe fecha porta carrega, em busca de que, de um futuro melhor, de um objetivo, de um sonho que a gente tem, que eu acho que não tem idade pra gente concretizar os nossos sonhos, a gente tem que ir a luta, independente da situação, a gente tem que ir em busca dos nossos sonhos, porque se a gente não tiver sonho, a gente não vence, a gente não anda, não caminha sem sonhos.(Cláudia, Entrevista, 2023)

Muitas coisas a universidade poderia estar fazendo pra manter essas mães nesse espaço uma das, que é os desafios de lutas das mães universitárias, é a creche universitária, onde as mães possam estar nas salas de aula e os seus filhos fiquem aparados enquanto elas assistem às aulas. Outra política de permanência das mulheres e mães seria o colégio modelo, uma escola modelo da própria universidade, onde ela pudesse estar estagiando dentro da própria universidade, porque o CFP hoje tem alunos de todo o recôncavo, do vale, de todas as regiões circunvizinhas e acaba que na hora do estágio, essas mães elas precisam estar se deslocando duas vezes ao dia pra poder ir para a aula no horário da noite e durante o dia está se deslocando pra ir fazer os estágios, então a universidade poderia se organizar de uma forma melhor para que o acesso aos estágios fossem mais viáveis, que é muito dificultoso (Eliana, Entrevista, 2023)

Nestes relatos as colaboradoras destacam pontos relevantes sobre fatores que colaboram para assegurar a permanência de mulheres na universidade. Os relatos reiteram a necessidade de políticas públicas de permanência e atenção diferenciada da universidade para as mulheres que cumprem múltiplas jornadas. Elas destacam o sonho da graduação como a principal motivação para se manter na universidade. De algum modo, a realidade apresentada pelas colaboradoras, demonstra que universidade não é o paraíso, “mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades têm-se a oportunidade de trabalhar pela liberdade” (Bell looks, 2013, p. 273).

Por fim as colaboradoras relataram:

Eu penso que a universidade deveria olhar com mais sensibilidade para as mulheres-mães, acho que deveria ter um momento de entrevista com essas mães, entender um pouco e até um apoio psicológico também, porque todas nós precisamos desse apoio psicológico e principalmente as mães, porque tem muitas mães ali que são mães solteiras, mãe solo, que não tem ninguém pra apoiar. (...) Poderia ter um projeto de extensão para as mães solo, uma pedagogia a distância, poderia ter uma outra modalidade de ensino para o acesso dessas mães no curso de pedagogia, poderia ter esses olhares, pois são

tantas mães dentro da universidade com filhos, poderia ter, ou até manter algumas aulas remotas, que fosse pegando, até aquelas crianças fossem se adaptando, eu acho que deveria ter um curso assim pra essas mães, porque assim, em muitos momentos a criança atrapalha o outro que está ali dentro da sala, a gente tem que pensar assim, a mãe tá ali porque precisa, mas nosso colega também às vezes está apresentando, a criança chora atrapalha, tira a atenção da gente que tá ali querendo ouvir. Então eu acho que deveria ter olhar um pouco mais sensível para essas mães, chamar, ter um diálogo e ver as condições necessárias para a permanência dessas mulheres. Então assim, são muitas coisas pra se pensar e para se resolver. (Cláudia, Entrevista, 2023)

Acho que eu trouxe durante a entrevista algumas coisas que a universidade falha, em relação ao seu corpo discente é a falta de diálogo mesmo, entre os DEAs, as diretorias, essa questão da creche né, para acolhimento das crianças, que as mães acabam levando para sala de aula, a escola modelo da universidade. Hoje nós não temos mas nenhum um lugar pra lanchar dentro da universidade, não temos mais o restaurante universitário, isso tudo tem dificultado a permanência, quantas vezes a gente sai de casa e não consegue tomar um café, uma sopa, comer um pão e quando a gente chega na universidade, a gente não tem nem onde a gente lanchar, o que a gente tá contando hoje é com os colegas que pra fazer um dinheiro extra acaba levando um lanche pra comercializando na universidade e as vezes quando o colega não leva esse lanche, a gente acaba ficando com fome até as 22:00 horas quando acaba a aula, então isso precisa ser repensado dentro do CFP né, não sei como funciona os outros campos, mas o CPF tem deixado a desejar esses fatores. (Eliana, Entrevista, 2023)

Em sua narrativa Cláudia aponta que a universidade deveria ter um olhar mais sensível e acolhedor para as mulheres que, sendo estudantes do ensino superior, cumprem múltiplas jornadas. Diante desses relatos elas apontam sugestões para que a universidade acolha essas mulheres e colaborem para uma experiência de permanência menos desafiante e, até menos dolorosa. Sugerem acompanhamentos psicológicos mais efetivos, além de diálogos com escuta sensível, indicando essas questões como suporte de permanência. Sugerem apoio em relação ao acolhimento dos filhos, uma vez que, há situações em que não há rede de apoio que possam cuidar dos mesmos.

Desse modo, torna-se necessário a criação de

[...] creches para as mulheres mães estudantes, professoras, pesquisadoras e trabalhadoras da educação, banheiros adaptados para as crianças, espaços de acolhimento e apoio às mulheres vítimas de violência, entre outros. Da mesma forma, a essencialidade da criação e o reforço às ações afirmativas de gênero e étnico-raciais em todas as

seleções, desde a inserção à universidade, concessão de bolsas e acesso aos financiamentos, o que poderá garantir maior acesso e permanência das mulheres negras e indígenas nas instituições de ensino superior, na ciência e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades de construção de uma universidade como espaço da liberdade (MARTINS, BARROSO, LIMA, RODRIGUES, 2022, p. 42).

Nesse sentido, Martins, Barroso, Lima e Rodrigues (2022, p. 42), ressaltam a necessidade de uma estrutura que favoreça a permanência das mulheres na universidade. Cabe destacar que, no âmbito do ensino superior “creches universitárias e escolas de aplicação surgiram com o objetivo de atender os filhos da comunidade acadêmica e externa, além de dar oportunidade de estágio, pesquisa, extensão e observação aos universitários.” (SILVIA, NUNES, 2020, p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Abafaram nossa voz
 Mas se esqueceram de que não estamos sós
 Abafaram nossa voz
 Mas se esqueceram de que não estamos sós.
 Essa vai
 Pra todas as mulheres
 Marianas, índias, brancas
 Negras, pardas, indianas.
 Essa vai pra você que sentiu aí no peito
 O quanto é essencial ter no mínimo respeito
 Essa dor é secular e em algum momento a de curar
 Diga sim para o fim de uma era irracional, patriarcal.
 (Trecho da música “Pra todas as mulheres”, Mariana Nolasco)*

Como traz o trecho da música “Pra todas as mulheres” de Mariana Nolasco, “abafaram a nossa voz, mas esqueceram de que não estamos sós”, diante da reflexão desse trecho, colocamos em pauta que por muito tempo as nossas vozes foram silenciadas, abafadas, marginalizadas diante de uma sociedade patriarcal. As mulheres por muitos séculos foram vistas exclusivamente para a maternagem, para os afazeres do lar, limitando-se a esfera do privado, com atuação mínima na sociedade.

Ao longo do processo civilizatório, as mulheres tiveram seus direitos negados por muito tempo, em alguma medida, não eram consideradas como cidadãs de direitos. A partir do século XIX, as mulheres começaram a reivindicar por direitos que foram negados durante anos, entre esses direitos estavam o direito ao voto, ingresso nas esferas públicas, direito a moradia e entre outros direitos.

Ao conseguirem conquistar esses espaços dentro da sociedade, as funções que permeavam a vida das mulheres, como a maternagem ainda se faziam presente, mas agora essas mulheres tinham que conciliar a maternagem com a vida pública. Aos poucos as mulheres foram conquistando direitos em relação ao acesso à educação ao e ao nível superior. Assim, com o ingresso no mercado de trabalho e nas universidades se aprofundam as múltiplas jornadas vivenciadas pelas mulheres.

Mesmo diante dessas conquistas ainda podemos notar a grande desigualdade de gênero que se acentua, pois uma pesquisa feita pelo IBGE em 2019 vai apontar que “enquanto 15,6% dos homens estavam em empregos de até 30 horas semanais, 29,6% das mulheres tinham empregos com até esta carga horária. Em relação

ao que é recebido pelo trabalho, as mulheres brasileiras receberam cerca de 77,7% do rendimento dos homens. Em 2019, o salário médio mensal dos homens no Brasil foi de R\$ 2.555, enquanto o das mulheres foi de R\$ 1.985” (BRASIL, 2019).

Diante desses dados, o mesmo censo ainda apresenta que

os homens dedicaram em média 11 horas por semana aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, enquanto o tempo dedicado pelas mulheres a estas tarefas foi de cerca de 21 horas e meia por semana. Mulheres que precisam conciliar trabalho remunerado com os afazeres domésticos e cuidados de pessoas, em muitos casos, acabam tendo empregos parciais, ou seja, com menos horas semanais. (BRASIL, 2019).

Ao analisar esses dados, percebemos que mesmo diante de algumas conquistas que foram concebidas no decorrer dos anos, as mulheres ainda enfrentam grandes desafios quando se trata das desigualdades de gênero, enquanto homens trabalham com uma carga em média a 11 horas por dia, mulheres trabalham em dobro e recebem salário inferiores aos homens. Diante desse cenário, mulheres buscam romper barreira, sendo a formação em nível superior um caminho que vislumbra mudanças. De acordo com censo de 2019, entre os homens com 25 anos ou mais de idade, 15,1% têm ensino superior completo. Já entre as mulheres com 25 anos ou mais de idade no país, 19,4% completaram o ensino superior. Demonstra-se ai dados em relação ao acesso e, de algum modo, também revelam aspectos sobre permanência.

Por essa razão, o presente trabalho de conclusão de curso, buscou analisar os desafios e as possibilidades de mulheres ingressantes do curso noturno de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Formação de Professores CEP/UFRB, levando em consideração aspectos relacionados as condições de permanência, tendo em vista as múltiplas funções que exercem (familiar, profissional e universitária).

Através do uso de questionários e entrevistas foi possível investigar os desafios encontrados e estratégias utilizadas por mulheres estudantes para a sua permanência no curso noturno de Pedagogia do CFP/UFRB, evidenciando o modo como essas mulheres se organizam para conciliar essas funções e ainda garantirem sua permanência no ensino superior. Assim, ao compreender as percepções dessas mulheres sobre permanência universitária e suas múltiplas jornadas foi possível construir reflexões que colocam em

destaque a necessidade por políticas públicas específicas para a permanência de mulheres no âmbito do ensino superior.

Desse modo, ao abordar as questões de gênero no ensino superior, evidenciamos aspectos relacionados a sociedade desigual e, o modo como o acesso a educação tem modificado as condições de vida das mulheres na contemporaneidade. Por isso, pauta-se a necessidade de garantir condições de acesso e também de permanência de mulheres no contexto universitário. Os resultados dessa pesquisa revelam que não se deve pensar apenas no apoio financeiro para efetivar permanência de mulheres universitárias, ou seja, não se trata somente de garantir as condições materiais, cabe pensar em condições imateriais, tal como o suporte emocional, psicológico, bem como a constituição de redes de apoio e espaços de escuta ativa.

Esperamos que este trabalho se junte a outros que lutam por condições de permanência mais dignas para mulheres que adentram as universidades públicas brasileiras, dando continuidade ao histórico de lutas encampadas pelas mulheres ao longo da história. Por fim, foi possível, com esta pesquisa, problematizar questões que envolvem a permanência universitária no contexto contemporâneo, sobretudo, no âmbito do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Chegou-se a conclusão que cabe as universidades que atendem a classe trabalhadora e, de modo mais específico, os cursos que são majoritariamente femininos, o reconhecimento e o acolhimento de forma mais efetiva das realidades vivenciadas por mulheres que, enquanto gerenciam a vida, a maternidade e a profissão, também são estudantes do ensino superior.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sandy Andreza de Lavor et al. Efetividade da assistência estudantil para garantir a permanência discente no ensino superior público brasileiro. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 24, p. 722-743, 2019.

ALVES, Ana Carla Farias. ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil E o protagonismo social das mulheres. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, Fortaleza – CE – UECE – Itaperi. p.113-121, 2013.

ALMEIDA, Jane. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 81, n. 197, 2000.

BARBOSA, Jacira da Silva; SAMPAIO, Sonia Rocha. Mulheres na universidade: Ações afirmativas e justiça cognitiva. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 56, p. 175-193, 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.234 de 19 de Julho de 2010. Regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm. Acesso em 25 mar. 2023.

BRASIL, Constituição Política do Imperio do Brazil (de 25 de março de 1824). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm> Acesso em 04. mar. 2023.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. Rio de Janeiro: IBGE 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>. Acesso em 25 de Mai. 2023

BRASIL. **Lei nº 11.151, de 29 de julho de 2005**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, por desmembramento da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e dá outras providências. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11151.htm>. Acesso em 11 de abril 2023.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista portuguesa de educação, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, n. 24, p. 213-225, 2004.

HIRATA, H. Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: Divisões sexual do trabalho numa perspectiva comparada. Friedrich Ebert Stiftung Brasil, (7),1-24. 2015.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. **História das mulheres no Brasil**, v. 2, p. 443-481, 1997.

MANCHUR, Josiane; SURIANI, Ana Lucia Affonso; DA CUNHA, Marcia Cristina. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 2, p. 334-341, 2013.

MARTINS, Ana Claudia Lopes et al. O (não) lugar das mulheres na universidade. **Serviço Social em Revista**, v. 25, n. 2, p. 340-360, 2022.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de pesquisa, n. 77, p. 53-61, 1991.

MINAYO, de Souza. Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de administração de empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

NUNES, Cicera; SILVA, Livia Maria Nascimento. Acesso e permanência na educação superior x exercício da maternagem: entre trajetórias, representações e exigibilidade de políticas estudantis. **Direito. UnB**, v. 4, n. 1, 2020.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto; DIAS, Ana Cristina Garcia. Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. **Psico**, v. 45, n. 2, p. 187-197, 2014.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009.

PEREIRA, SANDRA DE OLIVEIRA GOMES; NUNES, JURAILDES BARREIRA. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das Universidades Federais brasileiras. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. p. 6167-6176, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estudos avançados, v. 2, p. 46-71, 1988.

TAQUETTE, Stella Regina; MINAYO, Maria Cecília. **Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 26, p. 417-434, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TOMAZONI, Larissa; DOTTA, Alexandre Godoy. Aspectos do processo de inclusão da mulher no espaço da educação no Brasil: Análise da titulação de mestras e doutoras em programas de pós-graduação stricto sensu de 1989 até 2016. **Curitiba: CRV**, p. 277-290, 2018.

SANTOS, Maíra Barbosa. A participação das mulheres no ensino superior. **Revista três pontos**, 2014.

SILVA, Rosenildes Lacerda da; FREITAS, Florence Cavalcante Heber Pedreira da; LINS, Maria Teresa Gomes. A implantação do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais/REUNI: um estudo de Caso. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 4, p. 147-170, 2013.

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.79-94.

MINAYO, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP. Ed. Alínea, 2001.
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de pesquisa, n. 77, p. 53-61, 1991.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estudos avançados, v. 2, p. 46-71, 1988.

TAQUETTE, Stella Regina; MINAYO, Maria Cecília. **Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 26, p. 417-434, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 198

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, brasileiro (a), maior,
_____ (estado civil), portador (a) do RG nº
_____ e do CPF _____, declaro para
os devidos fins que cedo o direito das informações contidas na Entrevista para Elinalva
Miranda Souza, graduanda em Pedagogia, usá-la integralmente ou em partes, autorizando
o uso de meu nome () ou nome fictício (), sem restrições de prazos e citações para a
sua Monografia, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações, em meio
digital, impresso ou outras formas de divulgação e publicação, desde a presente data.
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente.

Amargosa-BA _____ de _____ de 2023.

Assinatura do colaborador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUADRO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

CATEGORIA	RESPOSTA	SÍNTESE DA ANÁLISE	SUPORTE TEÓRICO

Fonte: Elaboração da Autora (2023)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Inicialmente preciso de algumas Informações pessoais (nome, idade, raça/cor, filhos, estado civil, profissão, cidade onde nasceu/cidade onde mora, etc.)
- 2) Para você o que significa ser mulher neste momento contemporâneo?
- 3) O que te fez escolher o curso de Pedagogia Noturno da UFRB? A questão de ser mulher interferiu de alguma forma na escolha do curso e da universidade?
- 4) Conte-me sobre sua trajetória na universidade até o presente momento. Relembre os primeiros semestres, as disciplinas, os professores, as aprendizagens, os desafios e as conquistas desse processo.
- 5) Em algum momento você já pensou em desistir do curso? A condição de ser mulher interferiu nisso? O que te fez continuar?
- 6) Conte-me os dilemas que atravessam a sua condição de ser mulher, mãe, universitária e trabalhadora. Pode lembrar algumas situações específicas para ilustrar esses desafios?
- 7) Quais estratégias você utiliza para conciliar as demandas da vida pessoal, profissional acadêmica?
- 8) Há pessoas que te auxiliam nestas jornadas? Quem são elas e o que elas representam em sua vida?
- 9) Você acessa ou já acessou alguma política pública de assistência estudantil? Caso sim, narre um pouco sobre a importância de tal auxílio para sua permanência universitária.
- 10) Participa ou já participou de projeto de pesquisa e/ou extensão? Caso sim, narre um pouco sobre esta experiência.
- 11) Durante a graduação quais foram as condições de permanência que a universidade lhe proporcionou?
- 12) De acordo a sua vivência, quais os fatores são determinantes para assegurar a permanência de mulheres, mães e trabalhadoras na Universidade?
- 13) Gostaria de acrescentar algo mais a esta entrevista, considerando as condições de permanência de mulheres no curso noturno de Pedagogia do CFP/UFRB?